



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO**

JACIMARA CORDEIRO CASTRO MONTEIRO
JANDERSON CARLOS NOGUEIRA CANTANHEDE

DIFUSORA DE MACAPÁ: MEMÓRIAS DA RÁDIO PIONEIRA DO ESTADO

MACAPÁ
2022



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO**

JACIMARA CORDEIRO CASTRO MONTEIRO
JANDERSON CARLOS NOGUEIRA CANTANHEDE

DIFUSORA DE MACAPÁ: MEMÓRIAS DA RÁDIO PIONEIRA DO ESTADO

Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, do Departamento de Letras, Artes e Comunicação (DEPLA) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Memorial e Rádio Documentário, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Giraldi

MACAPÁ
2022



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO**

JACIMARA CORDEIRO CASTRO MONTEIRO
JANDERSON CARLOS NOGUEIRA CANTANHEDE

DIFUSORA DE MACAPÁ: MEMÓRIAS DA RÁDIO PIONEIRA DO ESTADO

Defesa em: 22 / 07 / 2022 Conceito obtido: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Vitor Giraldi Pires
Orientador

Profa. Me Patrícia Teixeira Azevedo Wanderley

Profa. Me Karollinne Levy Pontes de Aguiar

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus, que entre muitas dádivas, entregou-me um dom maravilhoso, o da comunicação.

Aos meus pais, seu Osmarino e dona Joana, pessoas simples que me ensinaram sobre convivência e amor.

A minha igreja, onde cresci e aprendi sobre ser uma cristã, e aperfeiçoei meus dons e talentos.

Aos meus colegas de turma, sei que serão sucesso onde estiverem.

Aos meus filhos, Davi e Jessé, minhas heranças de Deus pra essa terra.

Ao meu esposo, Anab Monteiro, que tem sido meu fiel admirador em todas as minhas realizações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha igreja, minha escola desde a infância. Durante toda a minha vida me deu oportunidades honrosas, e me tornou apaixonada pelo público e pela comunicação;

Agradeço aos professores pelo ensino e empenho para sermos profissionais de excelência;

Agradeço ao nosso orientador professor Paulo Giraldi, por nos oferecer seu conhecimento e sua amizade ao longo desse tempo de convivência;

Agradeço à professora Patrícia Teixeira, que foi fundamental no início dessa caminhada;

Agradeço ao meu grupo de estudo e seminários, queridos colegas que levo pra vida: André Silva, José Tavares, Wedson Castro e Janderson Cantanhede (meu companheiro de TCC). Experiências extraordinárias na companhia deles, muitos risos e aprendizado;

Agradeço ao nosso inesquecível professor Padre Aldenor (*in memoriam*) ser humano incrível de sabedoria admirável. Discretamente, me tornou a leitora oficial de seus textos em sala;

Agradeço ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, sou admiradora do profissionalismo exercido por esse corpo docente, a qual me orgulho profundamente de ter sido aluna e hoje jornalista.

DEDICATÓRIA

Ao meu bom Deus, a ele toda honra e toda glória;

A minha irmã, Lícia Cantanhede;

Ao meu filho Gabriel Cantanhede por todo amor, carinho e dedicação;

Aos meus pais, Luís Carlos Cantanhede e Maria José (*in memoriam*) por terem me ensinado todos os valores morais da vida;

A minha esposa Lorena Garcês, pelo companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Aos professores por toda a dedicação;

À amiga Mara Castro, por ter abraçado esse projeto;

Aos professores Dr. Paulo Giraldi, e as professoras Patrícia Teixeira e Karol Levi pela paciência e dedicação;

Ao amigo e técnico de som da rádio Difusora, Celso Rabelo, por ter aberto seu arquivo histórico para contribuir com o projeto;

A direção da rádio difusora, Roberto Gato por nos abrir as portas da emissora;

A todos os entrevistados que fizeram e ainda fazem parte da rádio pioneira, e a cordialidade que fomos recebidos por cada um deles.

RESUMO

Discorrer sobre a importância de um veículo de comunicação, é de fato, algo de suma responsabilidade, e sobre esse meio, ser o primeiro a existir, por si só, narra uma grandiosa memória a ser explorada através de estudos. Assim sendo, este trabalho de conclusão de curso se refere à rádio pioneira do Estado do Amapá, a Rádio Difusora de Macapá, apresentado na forma de projeto experimental ao curso de Jornalismo. Esta pesquisa se instrumentalizou de entrevistas para elaboração de rádio documentário e apresentar narrativas e memórias que devem ser parte da construção de um bem tanto material como imaterial, dada a importância resgatada através de métodos como a entrevista de personagens que vivenciaram um tempo dentro dessa história. Evidências reais estas que estão ligadas à sociedade e acrescenta referenciais para a comunicação amapaense e para a comunidade acadêmica. As entrevistas com personalidades que resgatam em suas memórias, que fizeram /fazem parte do processo de construção, junta-se aos pilares de conhecimento para produção científica. E o que se apresenta é um passo que deverá ser contínuo, com resultados que devem sugerir novos caminhos. Certamente a contribuição do material apresentado, assim como a produção radiofônica, deverão ser instrumentos esclarecedores relevantes, sobre a importância de uma rádio pioneira. Sua trajetória desde a década de 1940 do século passado até hoje, como mediadora de fatos e notícias, propõem privilegiada visão de transição em meio às novas plataformas.

Palavras-chaves: rádio; entrevistas; memória; documentário; Amapá

ABSTRACT

Discussing the importance of a vehicle of communication is, in fact, something of great responsibility, and about this medium, being the first to exist, by itself, narrates a great memory to be explored through studies. Therefore, this course conclusion work refers to the pioneer radio station of the State of Amapá, Rádio Difusora de Macapá, presented as an experimental project to the Journalism course. This research was based on interviews for the elaboration of a radio documentary and to present narratives and memories that should be part of the construction of both material and immaterial goods, given the importance rescued through methods such as the interview of characters who experienced a time within this history. Real evidence that is linked to society and adds references for communication in Amapá and for the academic community. The interviews with personalities who rescued in their memories, who were/are part of the construction process, join the pillars of knowledge for scientific production. And what is presented is a step that should be continuous, with results that should suggest new paths. Certainly the contribution of the material presented, as well as the radiophonic production, should be relevant clarifying instruments, on the importance of a pioneer radio. Her trajectory since the 1940s of the last century until today, as a mediator of facts and news, propose a privileged vision of transition in the midst of the new platforms. The interviews with personalities who rescued in their memories, who were/are part of the construction process, join the pillars of knowledge for scientific production. And what is presented is a step that should be continuous, with results that should suggest new paths. Certainly the contribution of the material presented, as well as the radiophonic production, should be relevant clarifying instruments, on the importance of a pioneer radio. Her trajectory since the 1940s of the last century until today, as a mediator of facts and news, propose a privileged vision of transition in the midst of the new platforms. The interviews with personalities who rescued in their memories, who were/are part of the construction process, join the pillars of knowledge for scientific production. And what is presented is a step that should be continuous, with results that should suggest new paths. Certainly the contribution of the material presented, as well as the radiophonic production, should be relevant clarifying instruments, on the importance of a pioneer radio. Her trajectory since the 1940s of the last century until today, as a mediator of facts and news, propose a privileged vision of transition in the midst of the new platforms. with results that should suggest new paths. Certainly the contribution of the material presented, as well as the radiophonic production, should be relevant clarifying instruments, on the importance of a pioneer radio. Her trajectory since the 1940s of the last century until today, as a mediator of facts and news, propose a privileged vision of transition in the midst of the new platforms.

Keywords: radio; interviews; memory; documentary; amapá

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Bilhetes que chegavam à recepção da RDM

Figura 2 – Alcinéa Cavalcante

Figura 3 – J. Ney

Figura 4 – Paulo Silva

Figura 5 – Eraldo Trindade

Figura 6 – Humberto Moreira

Figura 7 – João Lázaro

Figura 8 – Roberto Gato

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BG – Backgroud

RDM – Rádio Difusora de Macapá

LISTA DE SÍMBOLOS

kHz – quilohertz

kW – quilowatts

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	2
3 JUSTIFICATIVA.....	3
4 OBJETIVOS.....	4
4.1 OBJETIVO GERAL.....	4
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	4
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
5.1 O Rádio: Memórias em Ondas Sonoras.....	4
5.2 Um Breve Relato Sobre a Origem do Rádio no Brasil.....	7
5.3 Os Caminhos do Rádio na Amazônica.....	9
5.4 A Primeira Rádio no Amapá.....	12
5.5 O Tempo Não Para: Transformações e Transições.....	13
5.6 Documentário Radiofônico: Memória e História.....	14
6 MÉTODO.....	15
6.1 Modalidade da Pesquisa.....	15
6.2 Entrevista Como Método de Pesquisa.....	16
6.3 Pré-Produção: Levantamento de Dados.....	17
6.4 Produção Técnica.....	17
6.5 Entrevistas.....	18
6.6 Perfil dos Entrevistados.....	19
6.6.1 Alcinéa Cavalcante.....	19
6.6.2 J. Ney.....	20
6.6.3 Paulo Silva.....	21
6.6.4 Eraldo Trindade.....	21
6.6.5 Humberto Moreira.....	22
6.6.6 João Lázaro.....	23
6.6.7 Roberto Gato.....	23
6.7 Gravações.....	24
6.7.1 Recursos Usados.....	24
6.7.2 Roteiro.....	24
6.7.3 Decupagem, Montagem e Edição.....	24
6.7.4 Formato do Documentário.....	25
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25

REFERÊNCIAS.....	28
ANEXOS.....	30
ANEXO 1 – Roteiro e Espelho do Programa Radiofônico.....	30
ANEXO 2 – Entrevistas e Decupagem de Áudio.....	40

1 INTRODUÇÃO

O projeto experimental radiofônico – Difusora de Macapá: memórias da rádio pioneira do estado, o qual deve ser apresentado como Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo, à Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. E que propõe um estudo sobre a importância de documentar a primeira rádio, através da participação de profissionais da comunicação que fizeram parte da Difusora de Macapá.

O autor Umberto Eco que, em seu livro, **“Como Se Faz Uma Tese”**, descreve: O método experimental, o qual nasceria da atitude de dúvida do pesquisador e da sua decisão coloca em causa todo o conhecimento anterior sobre determinado objeto. A valorização da pesquisa em torno dos elementos que estão sendo apropriados para trazer à tona a historicidade de uma comunicação que se fez necessária na vida das pessoas e tornou-se parte delas, e nessa condição, requer o conhecimento auxiliado pela sensibilidade de ouvir, interpretar, narrar e experimentar da estética na comunicação.

O radiodocumentário agrega possibilidades genuínas na elucidação da verdade, sobre fatos que ocorreram, e são conhecidos como temas folclóricos e histórias do passado. Mas que na verdade sustenta um contexto que explica uma origem baseada em fatos.

O documentário traz fatos vivos e evidencia a história de um povo que por muitos anos teve como único meio de comunicação o que se ouvia através do rádio, à pilha, pois devemos pensar em um cenário não somente urbano, mas os mais diversos locais da Amazônia.

A ênfase dada a escolha pelo projeto, traz um olhar à luz da realidade de que não existem muitos trabalhos que evidencie a memória da difusora. No entanto, a história de sua existência comporta um grande tempo da comunicação surgido no Estado. Imergindo na busca de literaturas sobre o assunto, podemos considerar o pouco interesse de estudos sobre a pioneira da comunicação no Amapá.

A elaboração dos estudos abriu margem para propagação de um material que contempla não somente o acadêmico, mas a oportunidade de ouvir a história da difusora por meio de pessoas que estiveram fazendo parte, e que iniciaram suas vidas enquanto comunicadores e se estabelecendo como ícones do rádio ao longo dos anos. Por meio desses personagens, o projeto de pesquisa e radiodocumentário seguirá uma narrativa sobre suas vivências e acontecimentos que fizeram a história da rádio difusora de Macapá.

As narrativas orais dos comunicadores que estiveram no processo de evolução da rádio, sustenta o projeto dessa pesquisa e orienta o processo de construção do produto de memorial que deve ser ouvido por toda a comunidade acadêmica e sociedade através de produto radiofônico elaborado com a fala dos entrevistados e acadêmicos idealizadores do projeto.

A decupagem das entrevistas realizadas no decorrer do trabalho, encontra-se como parte do processo de construção e trazida na forma de um documento e memorial, bem como uma fonte de informação para novos estudos. Não obstante, viabiliza um caminho norteador na área da comunicação, possibilitando o surgimento de um acervo e referencial bibliográfico no curso de Jornalismo, ou mesmo propiciar um direcionamento às ementas como possibilidade de disciplina voltada ao jornalismo amapaense.

A participação dos personagens entrevistados faz referência à importância sobre a memória do rádio, pois a partir de suas narrativas elementos são somados aos conhecimentos que se tem hoje. As histórias ligadas ao que foi transmitido, os bastidores da notícia e o desenrolar dos fatos podem ser importantes em uma história contada décadas depois, cheias de sentidos e conhecimento.

Na atual rádio difusora de Macapá, o jornalismo se converge e se debruça sobre as mudanças da era pós-moderna, à exemplo do o estilo *podcast* que é aplicado nos variados programas, seja os de entretenimento, de notícias ou religiosos. Essa mudança, entendida pelos comunicadores que vieram das décadas anteriores acompanhando essa transformação, desperta a necessidade de ir contando a história para não perder a memória.

Portanto, o resultado da aplicação das entrevistas, estará formatando o projeto de memorial desse trabalho, levando em consideração a importância de resgate histórico de uma rádio pioneira.

2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A Rádio Difusora de Macapá, emissora pioneira no estado, com mais de 70 anos de existência, tem difundido em seus programas radiofônicos, a história amapaense. Narrativas que ao longo do tempo, vem sendo perdidas pela falta de registros e documentários. Seus principais interlocutores, os profissionais que ao longo dessas décadas, estiveram, e/ou ainda estão na transmissão da rádio, trazem testemunhos sobre a importância desse veículo de comunicação para a sociedade amapaense.

Esta pesquisa acadêmica se dá a partir de um resgate de memória, afim de documentar o processo de pioneirismo no jornalismo amapaense. Assim sendo, a questão norteadora deste trabalho é: como o documentário radiofônico, enquanto formato jornalístico, contribui para o registro da história e memória da primeira rádio de Macapá?

3. JUSTIFICATIVA

Considerando a simplicidade no acervo e a escassez histórico-documental sobre a rádio difusora, esta pesquisa procurou contribuir ao ínfimo e tímido conteúdo existente. Ao fazer uma busca no acervo da biblioteca do Campus Marco Zero da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), não se acham resultados na pesquisa ligados a documento histórico sobre a primeira rádio de Macapá. No entanto, a comunidade acadêmica deve ter referenciais bibliográficos, pois o curso de jornalismo estará munido de história sobre o pioneirismo do rádio no Amapá, suas contribuições e formação de comunicadores, que fomentaram a prática de fazer comunicação. Dada a relevância que se deve dar sobre a importância em se ter um vasto acervo de pesquisas bibliográficas acerca do tema nas quais se propõe esse estudo, ressalta-se a de perpetuar a história de uma rádio pioneira, com seus devidos méritos existenciais para a sociedade acadêmica e à todos que buscarem informações sobre a Rádio Difusora de Macapá (RDM).

Fundada na década de 40, a Rádio Difusora de Macapá têm sido um sistema radiofônico que acompanha a trajetória histórica do povo no Amapá, estabelecendo-se como pioneira da comunicação amapaense. Nesse contexto buscou-se fazer um resgate de material audiovisual, bem como entrevistar personalidades que fizeram e ainda fazem parte da rádio, em que conste a memória sobre a qual a Rádio Difusora de Macapá traga consigo, ao longo de sua existência, histórias narradas a partir da vivência de profissionais do rádio e na difusão da informação.

Dada a importância de resgatar a memória da rádio através dos comunicadores que estiveram/estão compondo seus programas no decorrer dos anos, traz consigo o processo de desenvolvimento social do Estado. As contribuições nesse sentido, passam pela construção de uma comunicação voltada para um povo de identidade amazônica, estabelecendo a informação entre o meio urbano, rural e o ribeirinho.

As ondas radiofônicas estabelecidas em períodos distintos, a qualquer tempo, levam a notícia, o entretenimento e a informação, viabilizando a conectividade em

tempo real, o que torna possível as intervenções midiáticas de promoverem mudanças sócio-culturais na sociedade.

Em meio às convergências midiáticas, a rádio ainda é consumida por um público ouvinte e cativo, porém, em torno das transformações estabelecidas pela modernidade é possível perceber os veículos radiofônicos somarem-se a recursos como a internet. A Rádio Difusora de Macapá se integra às possibilidades de mídias assim como mantém audiência intermunicipal via transmissão radiofônica, como também se mantém fonte principal de comunicação dos ribeirinhos.

A narrativa através das personalidades que marcaram e marcam a história da Rádio Difusora possibilita relevante documentação histórica e registra a partir do ângulo de visão dos comunicadores o desenvolvimento do rádio e sua relevância.

Espera-se que o registro de resgate histórico e construção do memorial (produto do resultado da pesquisa) sobre a Rádio Difusora de Macapá, apresentado nesse documento acadêmico, sirva a comunidade amapaense, assim como para os acadêmicos do Jornalismo, sendo fonte de pesquisa e atributo bibliográfico destinado aos que queiram vivenciar a origem e transformações da rádio pioneira do Estado do Amapá.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Produzir um documentário radiofônico sobre a Rádio Difusora de Macapá, a partir do depoimento de comunicadores, histórias e memórias narradas por personalidades que fizeram e ainda fazem parte da trajetória do rádio no Amapá.

4.2 Objetivos Específicos

- Entrevistar comunicadores que estiveram e continuam a frente de programas na Rádio Difusora que se destacaram no processo de solidificação da emissora.
- Documentar e decupar as informações sobre a trajetória das transformações pelas quais passou a Rádio, bem como sua receptividade em detrimento de uma modernização.
- Produzir radiodocumentário tendo como foco a importância de registrar a história por meio da memória da rádio pioneira do Estado.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 O Rádio: Memórias em Ondas Sonoras

O rádio vem sendo instrumento de comunicação e servirá para o resgate de memórias da qual a sociedade deverá vislumbrar de tempos em tempos. Muitos são os adventos e acontecimentos que movimentaram os estúdios radiofônicos e em

consequência a sociedade. A memória de um povo torna-se viva e projeta-se nas ondas do rádio como espírito que traz à tona movimentações do passado. Lopes e Viana (2017) conceituam que a memória será sempre marcante através de eventos ou relatos construídos, onde o meio irá permitir que o ouvinte remonte e reviva o passado no presente.

A memória radiofônica deve ser utilizada como abordagem importante para uma sociedade. Deve suscitar aspectos que possuem valores históricos, que se estabeleceram no seio da sociedade e faz parte da cultura, podendo o rádio ser importante ferramenta na reconstituição da história do povo. Como afirmam ainda Lopes e Viana, (2017) “o jornalismo possui grande representatividade na dualidade entre memória e história, pois este se transformou em uma ferramenta para a reconstituição de fatos e lembranças.” Para Palácios (2010, p. 40-41):

[...] o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado (...) com efeito, um olhar sobre o próprio processo do fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente.

Acerca sobre o que pertenceu ao passado criando novas expectativas de futuro, tal é a importância que a memória jornalística será capaz de resgatar. A humanidade se relaciona com suas memórias, e muitas vezes impulsiona para outros aspectos da vida. De alguma maneira, de alguma forma, para alguma finalidade a memória fará sentido outra vez.

E em detrimento da memória somos levados a nos reconhecer através de passados, e lembrar que somos frutos dele, as lembranças se tornam fatos que justificam o presente, aprovando ou condenando se fará necessário na vivência humana.

Vivemos entre a importância de lembrar e a vontade de esquecer. São fatos e vivências que nos transformam em nossas experiências, somos aquilo que pensamos e pensamos baseados naquilo em que vivemos, em que vimos. O que consideramos singular é selecionado por nós, surgindo em nosso consciente ora de forma involuntária, ora mediante um exercício mecânico. [...] As lembranças independentes permitem uma reconstrução do passado, e, conseqüentemente, o resgate da história. Podemos afirmar que quando contadas, essas recordações estabelecem relações com quem as ouve – ou as lê – envolvendo-os na narrativa, ainda que esses ouvintes não tenham vivenciado o mesmo período e as mesmas experiências. (LOPEZ; VIANA, 2017, p.73).

Para tanto, é possível reconhecer o rádio como fio condutor de lembranças, estabelecendo no indivíduo por meio do resgate de memória, a vivência de indivíduos em tempos diferenciados. Aí está um aspecto importante para o resgate de memórias, destacando sua importância através de documentário, o qual se pretendeu obter como fruto dessa pesquisa.

Ressalta-se que, ao falarmos do processo de memória radiofônica, devemos trazer à tona fatores que compõe sobre historicidade. Para isso é necessário identificar a motivação que leva ao resgate de memória, e que obviamente se desencadeiam elementos que devem ser acolhidos, tanto por interesse coletivo, como por interesse histórico. Ao se propor debruçar-se em busca do passado para explicar o presente, a memória irá revelar-se como importante elemento de estudo, sendo necessária a busca da memória individual.

Faz-se necessário afirmar que, enquanto a vida segue seu percurso natural, diversos acontecimentos marcam a linha do tempo, e esses episódios deverão fazer parte da memória, tornando-os significativos, seja de maneira coletiva, ou de maneira individual.

Mais de um psicólogo, gostaria talvez de imaginar que, como auxiliares de nossa memória, os acontecimentos históricos não desempenham um outro papel senão as divisões do tempo assinaladas, em um relógio ou determinadas em um calendário. Nossa vida se escoa em um movimento contínuo. Mas logo que, nos voltamos para aquilo que já se desenrolou, sempre nos é possível distribuir as suas diversas partes entre os pontos de divisão do tempo coletivo que encontramos fora de nós, e que se impõe de fora a todas as memórias individuais. (HALBWACHS, 1990, p.56)

A memória oralizada deverá ter um importante destaque na pesquisa radiofônica para o resgate memorial, tanto de maneira coletiva, como de maneira individual.

Para tanto, uma busca que passa por dentro dos estúdios, sendo contadas através de narrativas e que são saberes difundidos em grande escala, para a compreensão da importância sobre os fatos ocorridos e as memórias revistas, tomam interpretações e ocasionam efeitos diversos.

No rádio, existem acontecimentos, em que o ouvinte jamais poderá esquecer-se por algo que ouviu, assim também como os comunicadores, ou técnicos ou ainda funcionários, cada qual guardará relances e acontecimentos. É certo que essa pesquisa não irá reunir a todos os detalhes, no entanto, a partir dela, um resgate será emoldurado para outras pesquisas.

O testemunho de profissionais que já fizeram parte da Rádio Difusora em décadas anteriores, cujo resgate não é mais possível, nos remete ao pensamento de que fatos e história também se perderam.

5.2 Um Breve Relato Sobre a Origem do Rádio no Brasil

A comunicação é o meio que liga espaços e dimensões, a frenética busca em comunicar-se, desde que o homem passou a evidenciar sua existência, não admitiu, em tempo algum, limites para lidar com o outro através de linguagens, sons, códigos, até chegar a extraordinária descoberta das ondas eletromagnéticas, quando pensamos em propagação do som. A descoberta do Rádio foi talvez além, até mesmo do que sonhou seus criadores, a tal ponto de superar suas próprias expectativas, podendo assim imaginar, pois o avanço ainda se propaga desde o século de sua descoberta, o que nos torna possível pensar em algo muito além do pensamento de *Maxwell* ou *Hertz*¹.

A idealização do rádio surge como um fenômeno de aparência sobrenatural, a uma sociedade que caminhava para uma segunda guerra mundial. De turbulências, sobressaltados por um mundo conflituoso. No entanto, novas descobertas despontavam-se, em direção a caminhos de evoluções tecnológicas. Cenário que trouxe à tona descobertas que levariam ao Rádio.

No cenário brasileiro, nos anos de 1922, em que se contempla o avanço da modernidade, novos ideais na cultura, nas artes, na literatura, assim também como na comunicação. A figura de Roquette Pinto, se sobressai na perceptível sensibilidade de contemplar o sistema radiofônico como agente da Comunicação Popular e democracia cultural brasileira. O rádio em sua origem, surgiu no Brasil com um aspecto educacional, e teve como personagem principal na idealização das ondas sonoras brasileira, Edgar Roquette-Pinto, que defendia a ideia de que o rádio, deveria ser empregado prioritariamente para levar educação e cultura ao país. A constatação de que esse veículo propaga a voz da comunicação de maneira imediata, o coloca em um grau de importância sublime para uma sociedade. Seu surgimento implementa uma perspectiva de aliar a informação à anseios sócio culturais. A respeito, Prado (1985) faz a seguinte análise:

¹ James Clark Maxwell foi o primeiro a prever a existência das ondas eletromagnéticas, porém a comprovação dessa existência se deu 30 anos depois, por Heinrich Hertz. ... Maxwell imaginou que essas ondas se propagariam em um meio que chamou de éter, um meio invisível que envolveria todos os objetos.

[...] o rádio é o meio de informação mais eficaz que existe, em função de suas características. Se a atualidade e a rapidez da difusão são os aspectos mais importantes da informação é evidente que a simultaneidade e a instantaneidade (características essenciais da tecnologia radiofônica) prestam um grande serviço à informação. (PRADO,1989, p.27).

Ainda, observa Ferrareto (1997, p.97) que:

Roquette Pinto, pai do rádio no Brasil (*apud* FERRARETO, 1997, p. 97), “o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que realizem com espírito altruísta e elevado”.

Nos anos iniciais do rádio no Brasil, uma das grandes dificuldades, foi que na época poucas pessoas podiam usufruir desse recurso midiático, pois era necessário ter condições para adquirir o novo meio de comunicação. Nos anos de 1950 e 1960, o Movimento de Educação Base (MEB) demonstra tentativas de resgatar os ideais propostos por Roquete Pinto, a partir da metodologia de Paulo Freire para alfabetizar agricultores das regiões Norte e Nordeste. Na década seguinte, 1964, houve a ruptura do projeto por conta da ditadura militar implementada no Brasil. Período em que sucederam no país, os governos militares, no qual se prescreve muitas limitações. Um período em que os veículos de comunicação foram submetidos a intervenções.

Com o advento do Governo Militar é notório que o rádio continuou sendo uma ferramenta educativa. Como instrumento regulador para esse uso, foi criado o Projeto Minerva, que consistia em um programa veiculado em cadeia nacional, o qual deveria cumprir uma grade de programação semanal. De qualquer forma, a sociedade adapta-se a um veículo de informação, e passa a apreciar a escuta radiofônica. Seu intuito originário, como recurso educacional para a sociedade, propicia a todos os níveis de intelectualidade humana e torna-se eficaz no processo de comunicar saberes. Tanto que para Freire e Carvalho (2012):

[...] a educação e a comunicação são consideradas essenciais na construção social e no desenvolvimento humano. Juntas, as duas ciências podem proporcionar melhorias para o campo educacional e para a sociedade. Por certo que os meios de comunicação exercem influências nas vidas das pessoas, portanto a integração dessa área com a educação possibilita a formação de indivíduos conscientes, informados e participantes da dinâmica social (FREIRE; CARVALHO, 2012, p.01).

O imediatismo da notícia através do rádio, que como já visto, teve seu surgimento em 1923, quando a primeira estação se confirma como radiodifusão. Desde então têm contribuído para o avanço da sociedade moderna de massa. A evolução do rádio traz novas formatações, como por exemplo se torna um meio de publicidade, ou seja, um veículo rentável. Dessa forma capaz de se auto sustentar, em consequência de novas adaptações surge um acesso para outros assuntos inerentes a uma sociedade democrática. Incluindo aí, aberturas de cunho políticos, assim como ao entretenimento. A exemplo, as radionovelas, que abriu caminho para os anos “áureo do rádio Brasileiro”, onde uma grande massa da população brasileira, elege o rádio como principal meio de comunicação, um importante produto de consumo para as famílias da sociedade no Brasil.

O mundo contemporâneo se configura a partir de novos meios, e a sociedade moderna adquire novas expectativas midiáticas, o rádio teria como concorrente o forte poder televisivo, porém esse poder ainda se estabelece capaz de formar hábitos em uma sociedade, como por exemplo no cotidiano dos ribeirinhos da Amazônia, ainda adeptos da notícia através das ondas do rádio. E demais sociedades em que o rádio ainda difunde novas práticas na cultura e no consumo. Para ORTRIWANO (1985) “em termos geográficos, o rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar aos pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional”.

Ao chegar no Brasil, difundiu-se para os lugares mais distantes, onde o transporte eram pequenas embarcações e o acesso a informações tinham dificuldades extremas.

5.3 Os Caminhos do Rádio na Amazônia

Os Estados do Pará e Amazonas, favorecidos por seu desenvolvimento econômico, no patamar de importantes Estados da Amazônia, são os primeiros da região norte a receber os meios de comunicação radiofônica, e de maneira tímida no Estado do Amazonas no ano de 1927, com caráter governamental, surge o rádio na região. No entanto, a impressão que toma conta é de que o rádio e a Amazônia, por sua peculiaridade ribeirinha, nasceram um para o outro. Logo, torna-se um instrumento essencial na vida do povo amazonense.

Antes do rádio, o contato entre o homem do interior da região e o mundo urbano, era feito pelo barco que abastecia os seringais e pequenas povoações com suas mercadorias. A casa aviadora ou “regatão” quebrava o

isolamento e levava também as cartas dos parentes que viviam nas localidades, às margens dos rios. (FERREIRA, 2005, p.1)

O distanciamento entre o meio urbano e aqueles que vivem em constante movimentação via marítima, atravessando os braços dos rios da Amazônia, seriam alcançados pelo imediatismo da notícia, através das ondas radiofônicas. Um marco infinitamente grandioso, e que por décadas fez-se imponente não somente a sociedade urbana, mas a vida pacata dos vilarejos amazonenses.

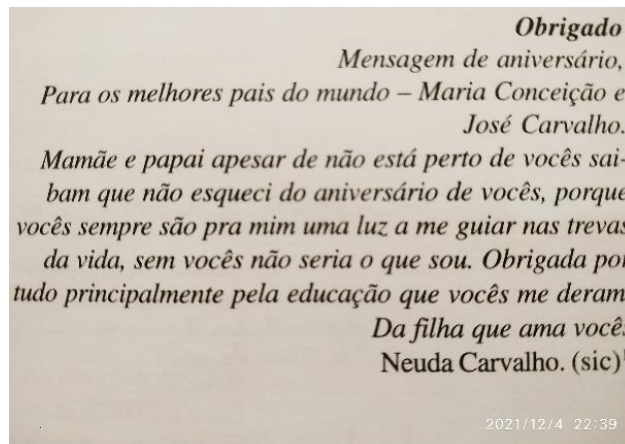
A função do rádio na Amazônia também é de mediação, de aproximar localidades, pessoas, famílias, pais e filhos, irmãos com irmãos, amigos com amigos etc., mesma função que o telegrafo, o telefone, telegrama, a carta, espectadores e intérpretes, todos no mesmo palco regional. O rádio participa das emoções das pessoas, é boa companhia, os ribeirinhos levavam os aparelhos receptor nos seus barcos, nas suas canoas, para a roça, para pescar, para o campo, ouvem o rádio como se fosse uma companhia que transmite emoção, faz passar o tempo, torna as viagens, sempre longas, mais curtas. (MARTINS, 2005, p.94).

Falar do rádio na Amazônia é testificar sobre o sentimento de humanização proveniente da capacidade que as ondas sonoras conseguem alcançar. Ainda que não se trate aqui de um viés jornalístico literário, é possível perfeitamente uma linguagem poética nesse contexto da história do rádio, pois é perfeitamente possível emocionar-se com o processo de transmissão, através da forma como as pessoas recebem e como sentem-se ao som do rádio e das notícias que esses podem veicular.

O Programa Alô, Alô Amazônia, que vai ao ar em vários Estados da região, é um exemplo da tênue divisa entre o contexto da função do rádio, como também mediador de valores humanos, sensível ao ouvinte e às suas necessidades de expressar-se nas mais diversas situações, independente da linguagem, contexto social ou situações. O rádio personifica o sentimento e envolve as pessoas, seja o comunicador ou o ouvinte. A obra de *Martins* retrata fielmente o compartilhamento de recados e cartas endereçadas a pessoas, de caráter social ou qualquer outro objetivo que se queira buscar no rádio como objeto de condução comunicacional. A exemplo, a imagem trata sobre um, de centenas de bilhetes que chegavam à recepção da RDM. O trecho foi retirado da obra “Alô, alô Amazônia”² Martins (2005).

² Texto recepcionado no dia 22 de fevereiro 2001 na emissora da Rádio Difusora de Macapá, sob o título: Mensagem de aniversário: para os melhores pais do mundo.

Figura 1 – Bilhetes que chegavam à recepção da RDM



Fonte: Martins (2005)

Uma ilustração da possibilidade de levar a notícia e acessar aspectos humanos, diante de toda a evolução relacionada a maneira de comunicar. Ainda assim, no século XXI, onde uma nova era se propaga e se faz avançar em passos largos os caminhos da comunicação, e que agrega nesse espaço mundial a interatividade, a existência do rádio na Amazônia dilata preciosa presença, se impõe como difusão através do ouvir.

É notório e amplo os avanços e mudanças que o rádio leva onde chega, não apenas no aspecto cultural ou linguístico, talvez econômico ou mesmo social, mas a forma como este se adapta às funções que a sociedade requer. As cartas destinadas aos programas de notícias, no caso do programa “Alô, Alô Amazônia”, demonstram motivações das mais diversificadas, em que o ouvinte interage de maneira natural, como extensão do seu meio.

O rádio se propaga por todo o território que compreende a região norte do Brasil. Destaca-se aqui, o surgimento das rádios pioneiras das cidades na Amazônia:

- Belém (PA) – 1923/ Rádio Clube do Pará, a primeira do norte a cobrir uma partida de futebol e em 1935, a primeira, a transmitir uma Copa no norte.
- Manaus – 1927/A voz de Manaus. Ondas curtas;
- Acre – 1944/ Rádio Difusora Acreana OM 1400KHZ e OT4885.
- Macapá – 1945/ Rádio Difusora de Macapá ZYE – 2 (1460kHz, 205,5 metros)
- Roraima – 1956/ Rádio Difusora de Roraima, ZYA 1, com 1KW de Potência.
- Porto Velho – 1961/ Rádio Caiari.

Ao falar em linguagem, é preciso investigar sobre a semiótica que rege a propagação da fala que ecoa através do rádio. O território brasileiro indica culturas que se diferenciam de uma região para outra. O linguajar demonstra com muita

propriedade cada uma dessas culturas, e a transmissão radiofônica em muitas situações interage a essa variedade de “sotaques”, em detrimento de uma identidade com o ouvinte. Na Amazônia essa semiótica é dotada de atributos pertencentes a cultura proveniente do povo, colaborando na transmissão de mensagens, preservando a oralidade cultural.

Por mediação radiofônica entendemos a atitude, o comportamento da rádio que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador de uma comunicação interpessoal: um rádio que se colabore para o emissor alcançar seu objetivo, ou seja, que a comunicação de fato aconteça. Essa mediação deve estar a serviço do emissor, modelizando seu texto de maneira que o torne significativo para a linguagem radiofônica, e para o próprio emissor, e para o destinatário. MARTINS (2005, p.123)

Além das características amazônicas, através da linguagem, o rádio se torna um meio versátil ao reproduzir a notícia e, de maneira multiforme, se adapta ao público ouvinte acrescentando à notícia o entretenimento, a musicalidade, o apelo social e a publicidade. Para tanto, o rádio alcança fronteiras e possibilidades únicas, desbravando caminhos ainda mais distantes do norte brasileiro.

5.4 A Primeira Rádio do Amapá

O rádio no Amapá tem seguido um percurso primoroso, atravessando décadas de existência e se aperfeiçoando com o desenrolar da modernidade. Desbravou caminhos e chegou com a notícia em primeira mão. Conectando um povoado de características marcantes e obedecendo a cultura existente, do seu início até aqui, trouxe à tona a personificação do efeito radiofônico, mensageiro e digno de credibilidade.

A Rádio Difusora de Macapá, chega na capital do Estado, através de um serviço de alto falantes, em 1945, ligadas a dois pontos centrais da cidade, na praça Veiga Cabral e praça do Barão.

No dia 15 de dezembro de 1945, o Jornal Amapá, ano I, edição nº 39, publicou um convite nos seguintes termos: “Ouçam diariamente, das 20 às 21 horas, na frequência de 1 460 kilociclos e onda de 205 metros, a Rádio Difusora de Macapá - A voz mais jovem do Brasil”. LÁZARO, João. Os 64 anos da Difusora de Macapá. AP 2010 <<https://porta-retrato-ap.blogspot.com/>>: acesso em 17 de maio de 2021.

“A Voz Mais Jovem do Brasil”, foi o *slogan* de divulgação inicial da RDM, e sua necessária presença na distribuição da notícia, proporcionou sua fundação definitiva em 11 de setembro de 1946, ocasião em que a rádio de Macapá recebe um endereço fixo, localizado até hoje na rua Cândido Mendes, no centro da cidade.

É o Governador Janary Nunes quem autoriza importantes demandas para o bom funcionamento da embrionária Rádio Difusora, e estabelece aquisições para abrangência do rádio no Amapá, interligando à Rádio Clube do Pará, a qual já alcançava toda a Amazônia, o que ocasionou a propagação de notícias sobre o território amapaense para toda a região.

Com poucos registros a respeito, muito do que se sabe, se mostra através de relatos e depoimentos de pessoas que fizeram parte em algum momento de sua história, por isso a importância de tal tema. No entanto, em nossa pesquisa, nos deparamos com um acervo precioso, o “Porta Retrato”, blog de autoria do professor/pesquisador João Lázaro, que a respeito da Difusora no Amapá, reforça a fala de muitos profissionais que constam nessa pesquisa.

Em 1952, entra em funcionamento um transmissor de fabricação Indeletron, ampliando sua potência para 1 kW, em faixa tropical de 4.915 kHz. Um período em que se precisou ampliar o quadro de locutores da emissora. Entre muitos nomes conhecidos do rádio, estão J. Ney, João Lázaro, Osmar Melo (o pai Véio) e Herminio Gurgel (pai D’égua).

5.5 O Tempo Não Para: Transformações e Transições

Evidentemente que as convergências midiáticas propuseram ao rádio um processo ligado à nova era, que instantaneamente se divergem para multiplataformas. É bem verdade que a majestade do rádio ainda reina, no entanto houve saltos necessários, e talvez uma condução natural de percurso, a magia do rádio e a voz do locutor se expandem e recebem uma formatação refletida na modernidade.

A RDM reage aos desafios propostos e adapta seus estúdios para a internet, abre um novo público e interage com seus ouvintes, agora internautas que assistem seus programas sendo dirigidos dos microfones em estúdio por seus locutores/apresentadores.

Os desafios, ligados aos fenômenos das convergências de mídias, conduzidos pela modernidade tecnológica, avança para dentro dos estúdios radiofônicos, trazendo a informação de maneira instantânea.

Através da digitalização e da compreensão de dados que ela permite, todas as mídias podem ser traduzidas, manipuladas, armazenadas, reproduzidas e distribuídas digitalmente produzindo o fenômeno que vem sendo chamado de convergência de mídias. Fenômeno ainda mais impressionante surge da explosão no processo de distribuição e difusão da informação impulsada pela ligação da informática com as telecomunicações que redundou nas

redes de transmissão, o acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e da cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura. (SANTAELLA, 2004, p. 60)

A internet se torna uma TV e o aparelho de rádio funde-se ao smartfone, lhe propondo um novo comportamento, para o alcance de um público que se converte à uma cultura digital. Em agosto de 2015, a RDM, entra em conexão com o público da rede social *Facebook*, estabelecendo um diálogo com as convergências propostas pela atualização das mídias.

Os produtos apresentados ao público, em um contexto radiofônico deverá conectar-se a fontes que emergem com a fruição de novos mecanismos midiáticos. No entanto, essas convergências devem propor também, a elaboração de documentos históricos para coleta de pesquisa e auxílio bibliográfico, o que deve ser um aporte necessário nessa construção midiática da evolução contemporânea. Tratar sobre o documento histórico radiofônico desta pesquisa deverá ser de grande importância para o resultado pretendido.

5.6 Documentário Radiofônico: Memória e História

O gênero documentário é o principal fator de motivação dessa pesquisa, traz a capacidade de suscitar elementos sobre a origem e desenvolvimento de elementos que construíram um bem social, aliado ao rádio, e que corroboram para a preservação da história do veículo de comunicação pioneiro, objeto desse estudo. Apesar de já ter sido trazido a este estudo, sobre a importância da memória, faz-se necessário a concepção do documentário, pois seus atributos são capazes de envolver a realidade dos fatos. O ouvinte se porta com mais interesse e entendimento, ou mesmo identifica-se mais profundamente.

A grande vantagem de um meio de comunicação auditivo sobre o meio impresso está no som da voz humana – o entusiasmo, a compaixão, a raiva, a dor e o riso. A voz é capaz de transmitir muito mais do que o discurso escrito. Ela tem inflexão e modulação, hesitação e pausa, uma variedade de ênfase e velocidade. (MCLEISH, 2001, p.19)

O rádio acompanha o seu tempo, identifica-se com cada época vivida e detém a história de cada sociedade que o tem como ouvinte. É abastecido com as notícias temporais e atemporais, e estabelece uma linha tênue entre os eventos noticiados e um acervo documental. Daí a importância no estudo do radiodocumentário. Pode-se afirmar que este possui valores de documento, acolhe-se na produção jornalística de maneira intrínseca combinada ao tempo, aprofundamento, personagens, narrativas e história oral.

Para Mcleish (2001), quem faz textos e comentários para o rádio escolhe as palavras de modo a criar as devidas imagens deixando o assunto inteligível e a ocasião memorável. Compreende-se sobre a identificação com a do ouvinte as características que devem compreender o documentário.

Segundo Puccini (2009), documentários podem ter origem em desejos pessoais de investigação e divulgação de determinados assuntos presentes em nossa história e sociedades. Para tanto, se faz necessário a ferramenta proposta através de roteiros que contam a história de determinado povo, no caso do radiodocumentário, acredita-se que nessa mesma perspectiva deve ser importante a utilização do meio radiofônico para a implementação do documentário. Assim como, a utilização dos meios que estão transformando o modo de vida da sociedade.

As recentes transformações tecnológicas e os novos hábitos de escuta impulsionaram as narrativas documentais em podcast, abrindo oportunidade para conteúdos sonoros mais criativos tanto na internet quanto no rádio. As experiências com gênero ao longo dos anos mostram que o documentário sonoro é bastante eficaz para a conexão entre as pessoas em um mundo cada vez mais individualista e consumista: promove compreensão, empatia e transformação. (DETONI, 2020 p.1)

Compreende-se o quanto é eficaz a utilização do radiodocumentário no mundo que estamos. A compreensão deve ser feita por um aspecto interativo e afetivo, no qual é possível ao documento auditivo e audiovisual. Para tanto, a história oral no radiojornalismo possui um papel que intercede público e ouvinte/internauta.

Na pesquisa aqui analisada, a importância de destacar entrevistas para o resgate de histórias através de locutores e profissionais do rádio, bem como, o anseio de propagar narrações que constroem um passado e afirmam a história do rádio, cujo meio estabelece interesses sociais, por tratar de tantos aspectos ligados a construção local, enquanto cidade em desenvolvimento, e ao mesmo tempo, constrói uma maneira eficaz na transmissão da história.

6 METÓDO

6.1 Modalidade da Pesquisa

A pesquisa apresentada, foi produzida na cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá, e delimitou-se em percorrer por uma busca a pessoas que tiveram uma relação com a RDM. Aplica-se a esse contexto, primeiramente uma relação de entrevistados, os quais poderiam contribuir com informações sobre a

rádio pioneira do Estado, como se deu sua instalação, e sua estruturação até os dias atuais.

Levantamentos bibliográficos foram catalogados e posteriormente analisados para que subsidiassem esse material de pesquisa, bem como acervos fotográficos, sites, blogs, produções acadêmicas, artigos, livros e e-books, de forma a fundamentar a produção de uma produção às vistas acadêmicas.

As indicações de entrevistas se deram por intermédio de uma busca sobre os profissionais que ainda atuam no jornalismo amapaense e que tiveram participações em algum período de suas vidas na RDM. Assim, com o levantamento dos atores dessa pesquisa, foi possível o contato e ajustes para suas contribuições, pois o testemunho dos narradores para essa pesquisa, possui valores que dão sentido a história da RDM, portanto escolhida como método eficaz ao aporte apresentado. Bosi (1979) ressalta que o que sucede as vezes os fatos que não foram testemunhados “perdem-se”, “omitem-se”, porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente.

Através de narrativas coletadas é possível extrair aspectos novos, e experiências que ainda não haviam sido exploradas. Assim buscou-se a narrativa dos apresentadores de maneira que contassem sobre esse passado e suas expectativas.

6.2 Entrevista Como Método de Pesquisa

Ao que se refere ao método, a pesquisa trata com especial atenção a utilização da entrevista, pois esta tratará o tema de maneira que o entrevistado dará o enfoque nas narrativas de quem viveu a história da Rádio Difusora de Macapá, participando de maneira proativa da construção histórica desse veículo de comunicação. Bosi (1979) ainda afirma que a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória. Em detrimento a esse ponto de vista, há de se concordar que a motivação para a aplicação do método entrevista, pode revelar-se de maneira surpreendente em sua execução, ao ouvir as narrações.

A partir do tema e levantamento de personagens, passou-se ao andamento de agenda para somente então dar início ao passo das entrevistas, a qual se deu de maneira estruturada, a considerar uma prévia elaboração de perguntas, as quais preenchem a coleta de informações para um memorial sobre a Rádio de Macapá, sem perder de vista, no entanto, o diálogo que envolve o entrevistado e a sua própria história de vida. Sobre esse elemento, Medina (1986), analisa que a

entrevista é um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. A entrevista jornalística, em primeira instância é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular.

Ao entender a entrevista como maneira de ouvir a história do rádio, mas ao mesmo tempo, entrelaçada a diversos personagens que tiveram um envolvimento não apenas profissional, mas também humano com o processo, é possível compreender que o rádio supera as expectativas e vai além do dever como emissor e receptor, agrega uma multiplicidade de contatos. Medina (1986) ainda acrescenta que a entrevista vai além da visão técnica e pode trabalhar a comunicação humana através do diálogo. Nesse aspecto decorreu-se a entrevista do presente memorial.

6.3 Pré-Produção: Levantamento de Dados

A partir da concentração de recursos viáveis ao projeto, referenciais, historicidade, entrevistados e importância da pesquisa, a proposta de produção tornou-se possível, levando em consideração que o aprendizado sobre rádio durante o curso de Jornalismo, propiciou o engajamento na elaboração do produto dessa pesquisa, protagonizada pelos seus autores. De acordo com Prado (2006), em seu manual de produção em rádio, esse é o momento em que tudo deve estar bem detalhado, para que não seja preciso improvisações, o que deve garantir ao programa, perfeita fruição.

Os custos orçamentários da pesquisa, limitou-se a deslocamentos até os entrevistados, e demais necessidades, como reuniões e gravação em estúdio, realizadas na rádio Universitária.

A apresentação do memorial de pesquisa ocorrerá em forma de Programa Radiofônico em que conste os depoimentos colhidos durante o processo de coleta de entrevistas. Para tanto, o espelho do programa é proposto no anexo dessa pesquisa, ainda caracterizado por uma plástica que remonte um programa radiofônico de gerações passadas.

As possibilidades devem se posicionar de maneira harmônica e coerente, desde o ambiente a ser utilizado, até a música escolhida para a trilha sonora. Com base no roteiro desenvolvido, busca-se reconstruir uma história autêntica, emotiva e agradável.

6.4 Produção Técnica

O desenvolvimento das etapas a serem preenchidas na produção técnica dessa pesquisa contou como: primeira fase, no planejamento das entrevistas e a busca por possíveis entrevistados; a elaboração de perguntas em que o entrevistado

pudesse lembrar sobre sua carreira profissional na rádio difusora, dessa forma, também a história da rádio. A fase seguinte, foi a execução dessas entrevistas, na qual munidos de equipamentos de gravação, pode-se ouvir cada entrevistado.

A decupagem das entrevistas, foram realizadas e devidamente organizadas para que pudesse ser fonte de pesquisa, e assim apresentadas nesse projeto de pesquisa.

Com a utilização das entrevistas gravadas em áudio de celular com aplicativo, foi possível articular os passos da produção do Programa Radiofônico, memorial dessa pesquisa, e detalhar o espelho do material que deverá ser gravado em estúdio. A sonorização inicial entrará de maneira que se remeta ao tempo de gerações passadas. Finalizando com o contemporâneo, a voz dos locutores será interpretada pelos próprios autores deste memorial de rádio documentário.

6.5 Entrevistas

Os envolvidos nesse produto de memorial seguiu os critérios de relação com a Rádio Difusora em algum momento de sua história. Grande parte dos entrevistados foram de radialistas, assim também como funcionários que fizeram e ainda fazem parte da RDM.

As entrevistas foram previstas com o apoio de um roteiro de perguntas, sem seguir qualquer tipo de forma rígida, mais de maneira dialogada, tal como já tratamos aqui. Os entrevistados, de maneira cordial atenderam ao convite e cada um estabeleceu o ambiente de encontro. Para que fique registrado, em meio ao desenvolvimento deste trabalho, relatamos um tempo de apreensão. O período pandêmico o qual passamos no decorrer dessa pesquisa, e que o mundo se recolheu em seus domicílios, ocasionando uma interrupção em nossos depoimentos, e mesmo perdas, de profissionais que deveriam constar nesse memorial, o qual reiteramos a importância do relato e testemunhos da história.

A entrevista é considerada por Deleu (2013) uma mutação de gênero pré-existente, que compreende o radiodocumentário, a qual se propaga entre outras mutações, compreendendo assim, sua importância no processo de construção e elaboração documental.

Para tanto, as entrevistas contidas nesse processo de construção radiofônica, elabora o escopo do material apresentado como produto de memorial.

Os critérios de seleção utilizado na escolha dos entrevistados se deu através de uma avaliação na qual os personagens deveriam ter feito parte da história da Rádio Difusora, assim como participado da evolução jornalística no Estado. Hoje, os

entrevistados ainda fazem parte de um seleto grupo de personalidades do rádio e se estabeleceram com suas carreiras como comunicadores ao longo dos anos. Se transformaram em ícones da comunicação no Amapá, passaram pela difusora ou mesmo começaram na RDM. Narram fatos que vivenciaram como profissionais e enriquecem a biografia da primeira rádio no estado.

6.6 Perfil dos Entrevistados

A possibilidade de reconstruir lembranças, podem ser alcançadas através da entrevista, que mesmo em meio a era digital, objetiva despertar o público a capturar o passado. O relato jornalístico provoca uma reconstituição, favorável a uma pessoa ou mesmo a uma sociedade inteira. E em meio a uma diversidade de plataformas, nas quais surgem a cada passo da história, o rádio se diverge e a memória será o catalizador para a produção de um produto radiofônico.

Cada um dos entrevistados, discorrem sobre seu período de passagem pela rádio difusora e depõe sobre a trajetória que os levou ao jornalismo no rádio. E como suas vivências profissionais completou suas vidas como seres humanos. A linha do tempo dos comunicadores que relatam sobre a RDM, também precisou convergir com os novos meios de difusão. Relata a convivência com os aspectos modernos, os ouvintes, agora também chamados de seguidores, internautas ou ainda, cibernético que provoca a adaptação dos meios de comunicação em massa. Um cenário em que a lembrança vai se interligar a novas plataformas e contribuir para o estudo sobre o rádio.

6.6.1 Alcinéa Cavalcante

Figura 2 – Alcinéa Cavalcante



Fonte: Internet, 2021.

Alcinéa Maria Cavalcante Costa, jornalista e professora, 65 anos. Começou sua carreira com 13 anos de idade, influenciada pelo pai que também era jornalista. O grêmio estudantil escolar foi grande inspiração para sua atuação como escritora de jornal impresso. Com 14 anos, teve contato com o rádio, vindo a fazer teste para a Difusora de Macapá, a fim de preencher vagas no quadro de funcionários. Sua primeira função, foi como locutora de comerciais. Por um tempo se afastou da Difusora, e retorna somente em 1995, como apresentadora do Programa Debate Popular e também repórter da rádio, cobrindo temas como carnaval e política.

6.6.2 J. Ney

Figura 3 – J. Ney



Fonte: Internet, 2022.

José Ney Picanço e Silva, radialista, 76 anos. Começou sua carreira no rádio de maneira despreziosa, atendendo a rádio com serviços administrativos. Em 1969, foi levado para conhecer o funcionamento da RDM e logo teve sua primeira experiência com o rádio, apresentado o programa “Motorista em Trânsito”. Conceituado comunicador, ainda hoje atua no jornalismo amapaense como apresentador.

6.6.3 Paulo Silva

Figura 4 – Paulo Silva



Fonte: Internet, 2021

Paulo Silva, radialista, jornalista, 64 anos. Começou sua carreira no rádio como técnico de sistema de aparelhagem até tornar-se apresentador e repórter. Chegou a rádio Difusora em 1975, com 20 anos de idade. Como jornalista esportivo fez parte de um grande time de radialistas conhecidos em Macapá. Liderou programa diário sobre esporte que ia ao ar meio-dia, de segunda a sexta.

6.6.5 Eraldo Trindade

Figura 6 – Eraldo Trindade



Fonte: Internet, 2021.

Eraldo da Silva Trindade, jornalista, radialista, engenheiro florestal, advogado e empreendedor na área de comunicação. Uma carta o levou para a Rádio Difusora, a qual descrevia o desejo de se tornar radialista. Chamado para fazer um teste de locução e leitura foi aprovado, e em 1993 começou sua carreira como radialista. Seu

primeiro contato com o rádio foi sendo plantonista no estúdio informando os resultados da Loteria Esportiva. Logo depois já liderava um programa matinal, conduziu também o programa “Bate Bola Musical”, este no horário noturno. Conciliou sua carreira de radialista com outras formações incluindo um mandato de Deputado Federal, no entanto, sempre muito próximo da função de Comunicador e proprietário de uma concessão de Rádio.

6.6.6 HUMBERTO MOREIRA

Figura 7 – Humberto Moreira



Fonte: Internet, 2022.

Humberto da Costa Moreira, 69 anos, jornalista. Iniciou sua carreira na Difusora com 17 anos, através de um teste para locutor esportivo em 1967. Dentro da equipe de esportes da RDM, foi chefe de equipe, narrador, redator e apresentador de programa. Atualmente é o funcionário mais antigo da Rádio Difusora.

6.6.7 JOÃO LÁZARO

Figura 8 – João Lázaro



Fonte: Internet. 2022.

João Lázaro da Conceição e Silva, radialista e jornalista, 73 anos. iniciou na comunicação em 1962 e na Difusora como apresentador em 1965, com o programa “Três de Uma Vez”. Desde criança foi atraído pela comunicação, ouvinte assíduo da RDM nos anos 60. Seu interesse pelo rádio, o levou a observar pela janela da emissora a movimentação do trabalho radiofônico. Atualmente mora fora do Estado, mas mantém seu blog Porta Retrato de Macapá, com memórias antigas sobre a cidade.

6.6.8. ROBERTO GATO

Figura 9 – Roberto Gato



Fonte: Internet, 2022.

Roberto Coelho do Nascimento, 61 anos, radialista, ex-jogador de futebol. Iniciou na RDM em 1995, onde foi produtor de programação, redator e repórter. Em 1998 estreou seu programa na Difusora. Atual diretor da rádio e apresentador do jornal da manhã. Inovou a RDM com as transmissões em *lives*, que hoje fazem parte do dia a dia da programação da Rádio Difusora.

6.7 Gravações

6.7.1 Recursos Usados

Os recursos utilizados para o processo de construção desse projeto, tais como equipamentos tecnológicos foram um aparelho smartphone Asus 4 para as gravações de entrevistas; um smartphone Xiaomi 6, no suporte de pesquisas e ligações de agenda aos entrevistados; um notebook Acer com internet para digitalização do projeto de pesquisa, e consulta bibliográfica; uma impressora laser Epson para impressão de conteúdos bibliográficos.

6.7.2 Roteiro

O roteiro apresentado no memorial desta pesquisa foi escrito pelos alunos autores e apresentado como espelho para a gravação do Programa – MEMÓRIA DIFUSORA: A RÁDIO PIONEIRA DO ESTADO.

Durante o curso de Jornalismo, foi possível a prática de desempenhar programas ao vivo dentro do estúdio da rádio universitária, o que orientou na elaboração do roteiro aqui apresentado. Assim, através de disciplinas e oficinas ao longo do curso, a experiência em estúdio e apresentação pelos alunos, foi de grande importância para a execução do objeto de memorial contemplado para subsidiar o produto final de curso acadêmico em jornalismo.

O roteiro posto em prática, compõem-se em dois blocos, divididos em “Abertura do Documentário”, “Apresentação dos Apresentadores” (os autores) e “Narrativas dos Entrevistados”.

Durante o radiodocumentário, o “sob som” pontuam o roteiro para melhor fluidez do programa. As vinhetas foram acrescentadas para também auxiliar na marcação entre os blocos.

Os próprios entrevistados contam a história a partir de colagens das sonoras, que foram resultado das entrevistas coletadas. A fala dos apresentadores busca ser mais específica quanto a linha do tempo da rádio difusora e faz o *link* entre roteiro e narrativas dos entrevistados.

6.7.3 Decupagem, Montagem e Edição

A Decupagem das narrativas dos pioneiros foram propostas e aceitas de imediato, o que favoreceu o principal recurso da pesquisa de memorial. Após entrevistas (gravadas em aparelho *smartphone*), ocorreu a transcrição dos relatos e a digitalização dos textos (decupagem), para então compor a pesquisa de conclusão de curso, alinhadas às sonoridades dos entrevistados que compõem o áudio do produto apresentado.

A montagem e edição do radiodocumentário sobre a difusora aconteceram nos estúdios da própria rádio pioneira, com o roteiro já elaborado, no dia 09 de julho de 2022, às 12:30. O técnico da emissora, Celso Rabelo, que já está na rádio desde 2005 conduziu a gravação em estúdio pelos apresentadores e montagem de toda a edição para o Programa.

Na edição pôde-se acrescentar prefixos utilizados nas programações da difusora em décadas atrás, como por exemplo o primeiro prefixo³ utilizado em 1975, e que compôs a abertura deste memorial. Assim, a edição pretende trazer características radiofônicas que marcaram a sonoridade dos programas transmitidos no decorrer do tempo. O BG⁴ que envolve o memorial de pesquisa faz o pano de fundo do programa, que assim como o prefixo, marcou as gerações que ouviram a Rádio Difusora em seu período auge de audiência.

6.7.4 Formato do Documentário

Através de Documentário Histórico, formato predominante nesta pesquisa de conclusão de curso, possibilita-se a entrega de documento em que se reinterpreta o passado da rádio difusora, contado por pessoas que fizeram parte da construção do processo radiofônico em Macapá.

Certamente será não somente um resgate de memória, mas uma composição em que novos fatos deverão vir à tona, revelações que ao longo dos anos se ocultavam na memória de seus pioneiros. A proposta de radiodocumentário em busca de enriquecer a história, favorece o conhecimento das gerações futuras.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, é possível afirmar sobre a importância dos estudos que trouxe a essa pesquisa o reconhecimento sobre a existência de uma rádio pioneira que dialoga com a proposta de projeto experimental acadêmico. O tema proposto sobre a Difusora de Macapá: memórias da rádio pioneira, oferece um campo de

³ Prefixo radiofônico – som que designa os distintos países e territórios.

⁴ BG - Abreviatura do inglês background (“fundo”). Música, voz ou efeito sonoro inserido simultaneamente à fala e que vai ao ar num volume mais baixo. Dá suporte à transmissão e não deve prejudicar a clareza da fala. (Rádio).

pesquisa que poderá ainda ser ampliado por pesquisas vindouras, pois ainda oferece um vasto conhecimento sobre a radiodifusão do Estado. Acredita-se que muitos outros fatos históricos, sociais, ou culturais estejam ligados ao processo de desenvolvimento da rádio, e que podem ser explorados por acadêmicos, trazendo benefícios à sociedade. A contemplação de novos fatos através dos comunicadores que fizeram história na RDM, reúne um apanhado de fragmentos em que elaborados, enriquecem os referenciais da história da comunicação não somente em Macapá, mas no Brasil.

O documentário radiofônico proposto, deixa um referencial em áudio no resgate de memórias através de seus comunicadores, instrumentaliza pesquisas, ressignificando projetos e sendo utilizado como importante mediador na existência e construção da Difusora, primeira rádio de Macapá.

Contudo, devemos expor nessa finalização, a experiência vivida durante o processo de construção desse memorial. Portanto, nos permita dialogar na primeira pessoa, sobre nosso estudo. A vivência, por ângulos diferentes, seja através de uma herança paterna, ou através de influência cristã, algo nesse sentido, nos tocou levantar as memórias do rádio, por entender o quanto influenciam em nossa formação pessoal, cultural e até mesmo profissional. Em duas mãos, construímos não somente um pouco da memória da RDM, mas nossa própria lembrança, que nos faz retornar ao passado e rever um legado que segue seu curso, e continua a história, através da nossa dúvida levantada nos estudos em sala. Não poderíamos ter escolhido melhor tema, para último trabalho acadêmico. A vivência dentro dos estúdios de rádio. E que passou de pai para filho (referindo-nos a história de um dos autores) assim também, como o sentimento de estar fazendo o que nos agrada profundamente. Experimentar a atmosfera do estúdio (RDM) e sentir a presença de tantos profissionais que estiveram ali, suas vozes, suas locuções, e as notícias que movimentavam o dia a dia, hoje com menos furor, silenciado pelas redes digitais.

Falar sobre memória da Difusora é também nos enxergar nela. Nos recordar de onde estávamos ao longo dessa construção radiofônica, e que pontuam momentos da nossa própria vida. Que em nossa mente se reconstituem em cenários do passado. Os programas matinais, em especial “pai velho, pai d’égua”, trilha sonora que embalava a agitação logo cedo da manhã em casa, ao mesmo tempo em que as notícias e vinhetas eram ouvidas. A caminhada até a escola, em que se precisava passar em frente à residência do radialista J.Ney, que já era alguém de renome na cidade, e todos conheciam. Memórias que os radialistas da RDM contam,

e memória de quem foi ouvinte da difusora. Algo também que poderá futuramente ser documento histórico, baseado no ouvinte. Chegamos ao final de um curso, e a experiência de cada processo será parte de nós, de nossa memória, a saber que trouxemos à tona um marco tão importante para o estado, sobre sua história e sua evolução, bem como sobre os anseios, esperanças e revelações nostálgicas dos que fizeram parte desse veículo de comunicação.

Certamente, há muitos aspectos a serem explorados, que podem resultar de acervo memorial e pesquisa histórica. No entanto, essa evolução descrita tanto no memorial como no produto radiofônico apresentado, certamente compreende sobre um grande patrimônio do rádio no Amapá.

REFERÊNCIAS

- BOSI, E. **Memória e Sociedade** – lembranças de velhos. Série 1ª, v. 1 São Paulo, 1979.
- DELEU, C. **Le documentaire radiophonique**. Paris, L’Harmattan, 2013.
- DETONI, M. **Afinal, o que é um radiodocumentário?** Disponível em: <<https://www.academia.edu/44883966/Afinal>> Acesso em: 05 dez de 2021.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2000
- FREIRE, M. T. M.; CARVALHO, D. W. **Educomunicação: construção social e desenvolvimento humano** – um relato de pesquisa. 2012. VX AMPED SUL – Seminário em Pesquisa da região Sul. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2381/902>> Acesso em 04 de dezembro de 2021.
- FERREIRA, P. **Após o regatão, o rádio e a televisão**. 2005. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005> . Acesso em: 04 dez de 2021.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2º Ed. Editora, Revista dos Tribunais LTDA. São Paulo, 1990
- LÁZARO, J. **Os 64 anos da Rádio Difusora de Macapá**, 11 de setembro de 2010 Macapá-AP. Porta Retrato. Disponível em: <<https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/09/os-64-anos-da-radio-difusora-de-macapa.html>> Acesso: 17 de mai de 2021.
- LOPEZ, D. C.; VIANA, L. **Rádio e memória: um estudo sobre a narrativa no rádio expandido através da reportagem especial “Muro de Berlim 20 anos”**. Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Ano XX, n. 39, Jan/ Ago. 2017
- MANUAL DE COMUNICAÇÃO DA SECON. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario>> Acesso em: 10 jul de 2022.
- MARTINS, R. **Alô, alô Amazônia – a Linguagem da floresta no rádio**. São Paulo: Editora Limiar Ltda, 2005.
- MCLEISH, R. **Produção de rádio, um guia abrangente de produção radiofônica**. 3. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 2001.
- MEDINA, C. **Entrevista: o dialogo possível**. Editora Ática, 1986.
- ORTRIWANO, G. **A informação no rádio: os grupos de poder e determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.
- PALÁCIOS, M. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. Matrizes. São Paulo. ano 4, n. 1, jul./dez., 2010.
- PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

PUCCINI, S. **Introdução ao roteiro de documentário**. Doc On Line, n.06, p. 173-190, 2009.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004

ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO E ESPELHO DO PROGRAMA RADIOFÔNICO

ROTEIRO:	DATA:	PROGRAMA:	TEMPO:	BLOCO:
JACIMARA CASTRO E JANDERSON CANTANHEDE	09/17/2022	DIFUSORA DE MACAPÁ: MEMÓRIA DA RÁDIO PIONEIRA DO ESTADO.	24`03”	1

TÉC	LOCUÇÃO
TÉC	VINHETA: MEMÓRIA DIFUSORA: 76 ANOS CONTADOS POR QUEM FEZ PARTE DA SUA HISTÓRIA// COM BG EM FADE IN, DEPOIS FADE OUT
LOC 1: MARA	EM 73 ANOS DE HISTÓRIA, A RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ MARCA O PIONEIRISMO NA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA NO ESTADO. UMA TRAJETÓRIA CONTADA PELAS PERSONALIDADES QUE FIZERAM PARTE DOS ESTÚDIOS E TRANSMISSÕES DA PRIMEIRA EMISSORA DO AMAPÁ. A PARTIR DE AGORA, CONVIDAMOS VOCÊ A PASSEAR PELA MEMÓRIA DESSES COMUNICADORES DO RÁDIO AMAPAENSE.
TÉC	SOBE SOM – 3` DESCE SOM

<p>LOC 2: JANDERSON</p>	<p>NO MEMÓRIA DIFUSORA VOCÊ VAI CONHECER A HISTÓRIA DA EMISSORA MAIS TRADICIONAL DO ESTADO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMUNICAÇÃO AMAPAENSE/ CONTADA POR QUEM FEZ PARTE DESSA TRAJETÓRIA///</p> <p>NO PRIMEIRO BLOCO VAMOS FALAR SOBRE O INÍCIO DA EMISSORA/ OS DESAFIOS NA ÉPOCA DO ENTÃO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ/ OS PRIMEIROS PROGRAMAS/ SUAS CARACTERÍSTICAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMUNICAÇÃO///</p>
<p>TÉC:</p>	<p>SOB SOM</p>
<p>LOC 3: MARA</p>	<p>NO SEGUNDO E ÚLTIMO BLOCO VAMOS MOSTRAR O CRESCIMENTO DA RÁDIO NO DECORRER DOS ANOS/ SUAS TRANSFORMAÇÕES TÉCNICAS E DESAFIOS ATUAIS///</p>
<p>TÉC:</p>	<p>SOB SOM</p>
<p>LOC 4: MARA</p>	<p>EU SOU MARA CASTRO///</p>
<p>LOC 5: JANDERSON</p>	<p>E EU JANDERSON CANTANHEDE///</p>
<p>LOC 6: JAND/MAR</p>	<p>E O MEMÓRIA DIFUSORA ESTÁ NO AR///</p>
<p>TÉC:</p>	<p>SOB SOM</p>
<p>TÉC:</p>	<p>SOLTA VINHETA: MEMÓRIA</p>
<p>LOC 7: JAND</p>	<p>ONZE DE SETEMBRO DE 1946, QUARTA-FEIRA// A HISTÓRIA DO AMAPÁ REGISTRAVA OFICIALMENTE O SINAL INAUGURAL DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ/ A PRIMERA EMISSORA DO ESTADO// APÓS NOVE MESES EM FASE EXPERIMENTAL/ A RDM FIRMAVA-SE COMO A VOZ MAIS JOVEM DO</p>

	BRASIL/ TRAZENDO ENTRETENIMENTO E INFORMAÇÃO À POPULAÇÃO DO ENTÃO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ//
TÉC:	RODA VINHETA ORIGINAL DA ÉPOCA UTILIZADA PELA EMISSORA.
LOC 8: MAR	NASCIDA DO PLANEJAMENTO VISIONÁRIO DO CAPITÃO JANARY GENTIL NUNES/ A EMISSORA TRAZ EM SUAS LEMBRANÇAS O SURGIMENTO DA IMPRENSA AMAPAENSE EM SEUS NOSTÁLGICOS DETALHES/ UMA HISTÓRIA AINDA VIVA NA MEMÓRIA DE QUEM A REGISTRA// ASSIM CONTA O RADIALISTA E JORNALISTA JOÃO LÁZARO DA CONCEIÇÃO E SILVA/MANTENEDOR DO BLOG PORTA RETRATOS/UMA DAS POUCAS FONTES HISTÓRICAS DA RDM//
TÉC: TEMPO: 2`03”	RODA SONORA 01 – JOÃO LÁZARO tempo
TÉC:	SOB SOM
LOC 9: JAND	NÃO DEMOROU MUITO PARA O GOVERNADOR DA ÉPOCA/ CAPITÃO JANARY GENTIL NUNES INVESTIR NA IDEIA DE DAR AO AMAPÁ SUA PRIMEIRA EMISSORA DE RÁDIO/ UM MARCO PARA A POPULAÇÃO CARENTE DE NOTÍCIAS E ENTRETENIMENTO//
TÉC: TEMPO: 1`60”	RODA SONORA 02 – JOÃO LÁZARO
LOC 10: MAR	AUTORIZADA PELA PORTARIA 709 DE 12 DE JUNHO DE 1944/ A RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ ESTAVA OFICIALMENTE CRIADA PELO MINISTÉRIO DE VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS/ ÓRGÃO À ÉPOCA RESPONSÁVEL PELAS CONCESSÕES RADIOFÔNICAS// NO SÁBADO 15 DE DEZEMBRO DE 1945/ A RÁDIO DIFUSORA ENTRA EM SUA FASE EXPERIMENTAL/ OITO MESES DEPOIS/ EM AGOSTO DE 1946/ A RDM PASSA A OPERAR EM TESTES FINAIS// FOI NO DIA 11 DE SETEMBRO DO MESMO ANO A EMISSORA ALCANÇA SUA FASE DEFINITIVA JÁ IMPLANTADA NA RUA CANDIDO MENDES/ ONDE FUNCIONA ATÉ HOJE//
LOC11: JAND	COM OS EQUIPAMENTOS MONTADOS PELO TÉCNICO EM ELETRÔNICA MANOEL VERAS/ O MÉDICO CARLOS ALBERTO MONTEIRO LEITE FOI QUEM ABORDOU O ASSUNTO INICIAL COM UMA PALESTRA SOBRE TUBERCULOSE// NA MESA DE SOM/ ESTAVA O CONTROLISTA BENIGNO PENNAFORT E O LOCUTOR

	APRESENTADOR ERA DELBANOR DIAS///
LOC12: MAR	O RADIALISTA HUMBERTO MOREIRA É UM DOS FUNCIONÁRIOS MAIS ANTIGOS DA RÁDIO DIFUSORA// ELE NOS CONTA COMO FOI SUA ESTREIA NOS MICROFONES DA RÁDIO///
TÉC: TEMPO:1`22”	RODA SONORA 03 – HUMBERTO MOREIRA
LOC13: JAND	54 ANOS DEPOIS/ HUMBERTO AINDA LEMBRA COM DETALHES DE SUA TRAJETÓRIA NA RÁDIO//
TÉC: TEMPO: 1`31”	RODA SONORA 04 – HUMBERTO MOREIRA
LOC14: MAR	DOIS ANOS DEPOIS/ CHEGAVA À EMISSORA O RADIALISTA JOSÉ NEY PICANÇO E SILVA/ HOJE POPULARMENTE CHAMADO DE J. NEY// ELE TAMBÉM LEMBRA COM EMOÇÃO DE SUA ESTREIA NOS MICROFONES DA DIFUSORA///
TÉC: TEMPO: 2`07”	RODA SONORA 05 – JOTA NEY
LOC 15: JAND	NO INÍCIO DOS ANOS 70/ POR TELEFONE/ A RADIALISTA ALCINEIA CAVALCANTE FEZ SUA PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO COMO REPÓRTER NA EMISSORA NO PROGRAMA GERAÇÃO 70 APRESENTADO POR ARNALDO ARAÚJO/// POR TELEFONE/ ELA REVELAVA UM NOVO MOMENTO DO RÁDIO AMAPEENSE/ AS COBERTURAS E PARTICIPAÇÕES EXTERNAS///
TÉC: TEMPO: 4`28”	RODA SONORA 06 – ALCINEIA CAVALCANTE
LOC 16: MAR	NÃO DEMOROU MUITO PARA A RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ AMPLIAR A RELAÇÃO COM SEUS OUVINTES// DE DENTRO DOS ESTÚDIOS/ OS LOCUTORES E APRESENTADORES ACOLHIAM POR TELEFONE A PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO OUVINTE/ COMO EXPLICA O RADIALISTA HUMBERTO MOREIRA//

TÉC: TEMPO: 2`26”	RODA SONORA 07 – HUMBERTO MOREIRA
LOC 16: JAND	À ÉPOCA/ UMA SIMPLES TRANSMISSÃO DE RUA NECESSITAVA DE UM GRANDE APARATO TECNOLÓGICO/ DESAFIO QUE PRECISOU SER SUPERADO POR TÉCNICOS E RADIALISTAS// ASSIM LEMBRA O RADIALISTA E JORNALISTA PAULO SILVA/ QUE EM 1975/ AOS VINTE ANOS/ INGRESSOU NOS QUADROS DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ///
TÉC: TEMPO: 52”	RODA SONORA 08 – PAULO SILVA
LOC 17: MARA	ENTRE AS TRANSMISSÕES EXTERNAS/ CADA RADIALISTA TRAZ CONSIGO MEMÓRIAS DAS QUE MAIS LHE MARCARAM// ASSIM LEMBRA PAULO SILVA DA COBERTURA DO MAIOR NAUFRÁGIO DA AMAZÔNIA ENVOLVENDO O NOVO AMAPÁ/ QUE EM 2021 COMPLETOU 40 ANOS///
TÉC: TEMPO: 2`18”	RODA SONORA 09 – PAULO SILVA
LOC 18: JAND	A RÁDIO DIFUSORA EXPANDIU SUA CAPACIDADE DE COBERTURAS EXTERNAS/ ATRAVESSANDO O MUNDO ATÉ O JAPÃO/ COBERTURA ESPORTIVA QUE TAMBÉM MARCOU A TRAJETÓRIA DE HUMBERTO MOREIRA//
TÉC: TEMPO: 1`27”	RODA SONORA 10 – HUMBERTO MOREIRA
TÉC:	SOLTA VINHETA DIFUSORA
LOC 19: MARA	VOCÊ ACOMPANHOU NESTE PRIMEIRO BLOCO OS PRINCIPAIS FATOS QUE MARCARAM O INÍCIO DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ 630 AM CONTADA POR QUEM FEZ PARTE DE SUA HISTÓRIA//
LOC 20: JAND	NO PRÓXIMO BLOCO DE MEMÓRIA DIFUSORA VOCÊ VAI ACOMPANHAR OS DESAFIOS INICIAIS ENFRENTADOS / AS DIFÍCEIS ADAPTAÇÕES COM AS NOVAS FORMAS DE MÍDIA/ E O FUTURO DA EMISSORA//
TÉC:	SOBE SOM – 3” DESCE SOM

TÉC:	VINHETA DE PASSAGEM: VOCÊ ESTÁ OUVINDO: MEMÓRIA DIFUSORA: COM MARA CASTRO E JANDERSON CANTANHEDE//
-------------	---

ROTEIRO:	DATA:	PROGRAMA:	TEMPO:	BLOCO:
JANDERSON CANTANHEDE / MARA CASTRO /	09/17/2022	MEMÓRIA DIFUSORA: IMPORTANCIA E MEMORIA DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ, SEU PIONEIRISMO E COMUNICADORES QUE FIZERAM E FAZEM A HISTÓRIA NO RÁDIO	25'39"	2

TÉCNICA	LOCUÇÃO
TÉC:	SOLTA VINHETA: VOLTAMOS A APRESENTAR: MEMÓRIA DIFUSORA: 75 ANOS CONTADOS POR QUEM FEZ PARTE DA SUA HISTÓRIA// APRESENTAÇÃO: MARA CASTRO E JANDERSON CANTANHEDE
LOC 1: MARA	OLÁ, ESTAMOS DE VOLTA COM O RADIODOCUMENTÁRIO: MEMÓRIA DIFUSORA: 75 ANOS DE PIONEIRISMO CONTADOS POR QUEM FEZ PARTE DESTA HISTÓRIA// NO PRIMEIRO BLOCO / VOCÊ FICOU POR DENTRO DOS ANOS INICIAIS DA RÁDIO CONTADOS PELOS PRIMEIROS RADIALISTAS/ REPORTERES E APRESENTADORES DA EMISSORA//
LOC 2: JAND	AGORA VOCÊ ACOMPANHA O CRESCIMENTO DA RÁDIO NO DECORRER DOS ANOS/ SUAS TRANSFORMAÇÕES TÉCNICAS E OS DESAFIOS DAS ÚLTIMAS DÉCADAS//
TÉC	SOBE SOM – 3” DESCE SOM
LOC 3: MARA	COM A MODERNIDADE DOS EQUIPAMENTOS E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO/ A VIDA POR TRÁS DOS MICROFONES DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ FOI SE TORNANDO MAIS ÁGIL E EFICIENTE/ MAS NEM TUDO MUDOU/ COMO CONTA PAULO SILVA//

TÉC: TEMPO: 1'29"	RODA SONORA 11 – PAULO SILVA
LOC 4: JAND	COM EQUIPAMENTOS MAIS MODERNOS E UMA SOCIEDADE MAIS ÁVIDA POR INFORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO/ A RÁDIO PRECISOU SE ADAPTAR À MODERNIDADE DO MOMENTO/ COMO LEMBRA O RADIALISTA ERALDO TRINDADE/ QUE CHEGOU À RÁDIO DIFUSORA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 80///
TÉC: TEMPO: 1'07"	RODA SONORA 12 – ERALDO TRINDADE
LOC 5: MARA	ERALDO LEMBRA QUE ALGUNS RADIALISTAS FICAVAM TÃO FAMOSOS AO PONTO DE DAREM AUTÓGRAFOS QUANDO ABORDADOS PELOS OUVINTES EM LOCAIS PÚBLICOS/ O QUE PARA ELE MOSTRAVA A ADMIRAÇÃO E O RESPEITO QUE OS RADIALISTAS POSSUÍAM NA ÉPOCA///
TÉC TEMPO: 1'13"	RODA SONORA 13– ERALDO TRINDADE
LOC 6: JAND	COM UM SINAL CADA VEZ MAIS FORTE/ A RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ CONQUISTOU UM GRANDE PÚBLICO NOS INTERIORES DO AMAPÁ E PARÁ/ O QUE VEM SE MANTENDO ATÉ HOJE/ SÓ QUE EM PROPORÇÃO MENOR/ COMO LEMBRA O RADIALISTA PAULO SILVA///
TÉC: TEMPO: 1'28"	RODA SONORA 14 – PAULO SILVA
LOC 7: MARA	MAS ESSA ESTREITA RELAÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO DAS ILHAS DO PARÁ E O AMAPÁ NEM SEMPRE É BEM VISTA/ COMO EXPLICA O RADIALISTA HUMBERTO MOREIRA///
TÉC: TEMPO: 1'45"	RODA SONORA 15 – HUMBERTO MOREIRA

LOC 8: JAND	PARA ERALDO TRINDADE/ A RELAÇÃO ENTRE O PÚBLICO RIBEIRINHO E A EMISSORA ENFRAQUECEU DIANTE DO SURGIMENTO DA INTERNET E REDES SOCIAIS/ JÁ QUE O PÚBLICO OUVINTE GANHOU OUTROS MEIOS DE SE COMUNICAR///
TÉC: TEMPO: 1`31”	RODA SONORA 16 – ERALDO TRINDADE
LOC 9: MARA	SENDO A ÚNICA EMISSORA DE AMPLITUDE MODULADA DO ESTADO DO AMAPÁ/ A RÁDIO DIFUSORA ENFRENTA UMA SÉRIA AMEAÇA DE DESCONTINUIDADE DESSE TIPO DE SINTONIA NOS APARELHOS ELETRÔNICOS/ O QUE É VISTO COM PREOCUPAÇÃO PELOS PROFISSIONAIS// PARA ERALDO TRINDADE/ A MIGRAÇÃO PARA O SINAL DE FREQUÊNCIA MODULADA FM SERIA UMA DAS ALTERNATIVAS PARA A EMISSORA MAIS LONGÍQUA DO AMAPÁ///
TÉC: TEMPO: 1`46”	RODA SONORA 17 – ERALDO TRINDADE
LOC 10: JAND	PAULO SILVA VAI MAIS ALÉM E DIZ QUE A MIGRAÇÃO DA DIFUSORA PARA A FM É UM CAMINHO IRREVERSÍVEL///
TÉC: TEMPO: 1`02”	RODA SONORA 18 – PAULO SILVA
LOC 11: MARA	ALÉM DA MIGRAÇÃO PARA O SINAL FM/ A INCLUSÃO DA RÁDIO DIFUSORA NAS REDES SOCIAIS É VISTA COM BONS OLHOS NÃO SOMENTE POR AQUELES QUE ESCREVERAM A HISTÓRIA DA EMISSORA/ MAS PELOS OUVINTES QUE INTERAGEM EM TEMPO REAL COM OS ESTÚDIOS///
TÉC: TEMPO: 5`15”	RODA SONORA 19– J. NEY
LOC 12: JAND	COM UMA INTERAÇÃO CADA VEZ MAIOR ENTRE O PÚBLICO OUVINTE E OS ESTÚDIOS/ A ADAPTAÇÃO DA RÁDIO DIFUSORA NAS REDES SOCIAIS FOI UMA DAS ALTERNATIVAS ENCONTRADAS POR SEUS DIRETORES PARA MANTER A EMISSORA EM ATIVIDADE/ COMO DIZ O

	ATUAL DIRETOR ROBERTO GATO///
TÉC: TEMPO: 3`32”	RODA SONORA 20 – ROBERTO GATO
LOC 13: MARA	MESMO COM TODOS OS DESAFIOS E DIFICULDADES IMPOSTOS PELO TEMPO/ A RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ PERMANECE HOJE NO PIONEIRISMO DE SUA MISSÃO/ QUE É LEVAR INFORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO AOS SEUS OUVINTES///
TÉC: TEMPO: 2`30”	RODA SONORA 21 – PAULO SILVA
TÉC: TEMPO: 1`30”	RODA SONORA 22 – JOÃO LÁZARO
TÉC: TEMPO: 2`35”	RODA SONORA 23 – HUMBERTO MOREIRA
TÉC: TEMPO: 2`35	RODA SONORA 24 – ERALDO TRINDADE
TÉC: TEMPO: 1`34”	RODA SONORA 25 – ROBERTO GATO
LOC14: JAND	DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES QUE A TECNOLOGIA VEM IMPONDO ÀS FORMAS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO/ O FIM DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ PASSA LONGE DE SER ALGO COGITADO OU PENSADO PELOS PROFISSIONAIS QUE ESCREVERAM SUA HISTÓRIA///

TÉC: TEMPO: 1`09”	RODA SONORA 26 – HUMBERTO MOREIRA
TÉC: TEMPO: 57”	RODA SONORA 27 – J. NEY
TÉC: TEMPO: 1`16”	RODA SONORA 28 – ALCINEIA CAVALCANTE
TÉC: TEMPO: 24”	RODA SONORA 29 – PAULO SILVA
TÉC: TEMPO: 2`	RODA SONORA 30 – ERALDO TRINDADE
TÉC:	SOBE SOM – 3” DESCE SOM
LOC 15: MARA	VOCÊ ACOMPANHOU MEMÓRIA DIFUSORA: 75 ANOS DE INFORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO// UM RÁDIODOCUMENTÁRIO PRODUZIDO PELOS ACADÊMICOS DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ/ MARA CASTRO E JANDERSON CANTANHEDE/ SOB A SUPERVISÃO DO ORIENTADOR PAULO GIRALDI///
LOC 16: JAND	PRODUÇÃO, PESQUISA/ REDAÇÃO, EDIÇÃO E APRESENTAÇÃO: MARA CASTRO E JANDERSON CANTANHEDE///
LOC 17: MARA	EDIÇÃO DE ÁUDIO:
LOC 18: JAND	ORIENTAÇÃO: PROFESSOR PAULO GIRALDI

TÉC:	SOBE SOM – 3” DESCE SOM
-------------	--

ANEXO 2: ENTREVISTAS E DECUPAGEM DE ÁUDIO

	APRESENTADOR	PROGRAMA RDM
01	ALCINÉA CAVALCANTE	“Música adulta para gente adulta”
02	J. NEY	“Motorista em trânsito”
03	PAULO SILVA	“Momento esportivo”
05	ERALDO TRINDADE	“Bate-bola musical”
06	HUMBERTO MOREIRA	“Momento esportivo”
07	JOÃO LÁZARO	“Três de uma vez”
08	ROBERTO GATO	“Em primeira mão”

01. ENTREVISTA ALCINÉA CAVALCANTE

1 – VOCÊ PODERIA NOS DIZER SEU NOME, PROFISSÃO E IDADE?

Alcinéia Maria Cavalcante Costa, jornalista e professora, 65 anos.

2 – COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO?

Eu comecei com 13 anos num jornal impresso, porque o meu pai era jornalista. Então a minha casa era cheia de jornalista. Aí de repente achavam que eu escrevi bem e me chamaram para trabalhar. Naquela época, menor trabalhava sem problema nenhum nessa questão de exploração.

Comecei trabalhando em “jornalzinho”, participei de jornal de grêmio, de jornal de escola. Com 14 anos eu já estava na rádio, onde fiquei um período e depois me dediquei mais ao jornal impresso.

3 – VOCÊ PODERIA NOS CONTAR COMO FOI SUA IDA PARA A EMISSORA?

Meu pai também era radialista, eu nasci assim nesse meio de jornalista, de comunicadores. Quando eu tinha 14 anos, o Pedro Silveira, que era diretor artístico da Rádio Difusora, ele perguntou se eu queria fazer um teste, eu e outras pessoas, ele queria botar mais gente lá na rádio.

Nessa época a rádio, inclusive, estava funcionando aqui perto da Igreja Nossa Senhora de Fátima pois o outro prédio estava em reforma. E eu topei, eu tinha vontade, eu achava bonito porque às vezes eu ia com meu pai para rádio e achava legal aquela coisa do estúdio, dos microfones e então eu fiz o teste.

Naquela época, ele dava um papel com várias palavras, por exemplo escrito padeiro, era uma das palavras, eu lembro bem. Ele mandava você ler, se você lesse certo ia para o ar para ler comercial, quase não existe comercial gravado.

Então tinha a figura do locutor comercial, ele que ia entrando nos intervalos dos programas para ler o comercial. E eu aprendi muito assim com o Pedro Silveira, é claro, meu pai também me dá umas dicas.

Naquela época, ninguém podia tossir no microfone, ficar mandando abraço. Era tudo assim muito, muito sério, certinho e gostei. Fiquei eu acho que uns três anos.

Nesta época a gente ganhava, quem era menor, pelo que eles chamavam de renda interna. Eu acho que é mais ou menos como hoje, aquele negócio de comercial que o repórter ganha pelos contratos que fecham. Só que a gente não fechava contrato era a própria rádio.

Depois a rádio voltou para a Cândido Mendes e eu continuei. Fiquei por um longo tempo e depois sai.

Em 95 eu voltei para a Rádio Difusora mesmo fazendo programa um debate Popular para ver assunto do dia. Aí fazia reportagem também de carnaval, política, esse tipo de coisa. Claro que nessa época já estava diferente, já tinha mudado a forma de apresentar os programas.

4 – VOCÊ CONSEGUE LEMBRAR, COM DETALHES, COMO FOI SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO NA RÁDIO?

O Arnaldo Araújo tinha um programa, que se eu não me engano o nome era geração 70, e ele perguntou se eu queria ser repórter, até então na rádio eu fazia locução comercial. Aí eu fui ser repórter, ir para a rua fazer reportagem.

No primeiro dia de trabalho como repórter ele mandou eu ir para a Cândido Mendes, ver como é que estava o trânsito, se estava tudo bem, e de lá entrar por telefone para dar informações e depois ir no mercado central ver como é que tava a movimentação lá no mercado.

E eu fui para a Cândido Mendes, aí tudo tranquilo. Quer dizer o que teve foi uma um carro encostar no outro que naquela época, um carro encostar no outro era um grande acidente. Aí entrei na casa da Bíblia, que ficava eu acho que na esquina da Cora de Carvalho ou da Padre Júlio, pedi o telefone para que deixasse eu usar, informei que era da rádio e liguei dando a informação do acidente.

De lá segui para o Mercado Central para ver se a Vigilância Sanitária estava lá, como estava a venda. Aí lá estava tudo tranquilo, tudo funcionando normalmente. Pedi ao gerente o telefone, aqueles enormes, pretos, pedia para telefonista completar a ligação.

Passei a informação e gostei, achei muito bacana, me empolguei e continuei.

5 – COMO ERA E QUAL O NOME DO PRIMEIRO PROGRAMA QUE VOCÊ APRESENTOU?

A tarde tinha o programa do Amazonas Tapajós, que foi um grande radialista, naquela época em que radialista tinha que ter a voz arrastada, puxando o R.

Aí o Amazonas Tapajós me chamou, e eu lembro que ele tinha um programa que era “Música adulta para gente adulta”, das 4h às 5h da tarde. Fui convidada para apresentar o meu primeiro programa onde eu lia comerciais e cartas. Quando ele não ia eu apresentava só.

E também um outro, que eu não lembro o nome agora, me chamou para apresentar com ele às 2h da tarde, que era o plantão musical do ouvinte, que já tinha músicas que eu gostava.

6 – COMO SE DAVA A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO OUVINTE?

Através de cartinha, o ouvinte fazia seus pedidos musicais.

7 – QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE FAZER RÁDIO NAQUELA ÉPOCA E ATUALMENTE?

Naquela época havia mais cuidado, nem vou falar da questão de seriedade porque hoje o que tem de bacana é essa interação com o ouvinte. Mas, você não via o pessoal falando errado, dizendo “a gente vamos” confundindo inflação com infração. Eu acho que hoje, o rádio está muito prostituído, porque qualquer pessoa que chega na emissora e diz que quer comprar um horário é vendido sem critério nenhum. Claro que tem programas bons, mas a maioria é muito complicado.

8 – DIANTE DA REALIDADE DAQUELA ÉPOCA, QUAIS FORAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA LEVAR UM PROGRAMA DE RÁDIO?

Olha, notícia era difícil, você tem que batalhar muito para conseguir. Porque numa época em que, Macapá era uma cidade tão pequenininha, não tinha Assembleia Legislativa que é um grande foco de notícia, não tinha secretarias de Estado, eram divisões ou governador nomeado. A cidade era assim supertranquila, então era assim tinha que descobrir uma notícia de qualquer maneira, era tirar leite de pedra.

A outra dificuldade era a questão de como passar essa notícia se você estava na rua para o estúdio. Não tinha facilidade do celular, terá aquele telefone imenso que você pegava uma telefonista Regional e informava que queria uma ligação para tal lugar, aí fazendo tu ficar esperando então, era muito complicado.

Depois já, mais adiante, você ia cobrindo algum evento, tipo encontro dos tambores, carnaval, e tinha que andar com aquele cabo imenso pois não existia microfone sem fio.

Eu lembro quando eu cobri o primeiro carnaval do Sambódromo que tinha que amarrar o cabo no poste e ficar com o microfone na mão caso quisesse fazer alguma coisa. Era bastante complicado, mas era gostoso porque eu acho que com a dificuldade que a gente cresce.

9 – O SURGIMENTO DE NOVOS MEIOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO MUDOU A FORMA DE PRODUÇÃO DO RÁDIO?

Mudou demais, porque o que você ver hoje o apresentador do programa ele tá com o celular ou com o notebook, abre na internet e lê as notícias. Não precisa correr atrás de notícia.

Outra questão é que antes o ouvinte mandava a cartinha pedindo a música, aí as emissoras tinham o que se chamava de discotecário, que ia separar a relação com os nomes das músicas e entregava para o controlista. Hoje não é o ouvinte que escolhe, tem o programador, né? Então, a emissora joga para o ouvinte o que ela quer, não o que ele quer ouvir.

10 – PODERIA RELEMBRAR FATOS QUE MAIS LHE MARCARAM DIANTE DOS MICROFONES DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ?

Eu não tenho muito essa coisa de fatos marcantes, porque na profissão de jornalista sempre o último fato é mais marcante e no outro dia já é outro. Não lembro de algo que eu poderia dar como importante daquela época.

11 – QUAL A DIFERENÇA EM TRABALHAR EM UMA EMISSORA COMERCIAL E UMA PÚBLICA?

Eu acho que hoje não tem grande diferença não. E como eu estou fora do rádio, aí eu não tenho como fazer essa comparação.

12 – COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DA RÁDIO ANTIGAMENTE?

Era de grande importância, não tinha televisão, praticamente não tinha jornais somente os que chegavam de fora e com notícias atrasadas. Então, era através da difusora que a gente ficava sabendo o que estava acontecendo com o país. O futebol, a política, a economia, tudo era através da difusora.

Tinha também os programas educativos, gincanas. Então era uma coisa assim bem educativa.

13 – VOCÊ JÁ SOFREU CENSURA EM ALGUM MOMENTO NA RÁDIO?

Assim, a censura muito velada, mas em casos mais recente. Naquela época não, pois como não tínhamos liberdade de se manifestar, então não tinha o que censurar.

Mais recente algum tipo de censura, mas assim muito pelada, do tipo que eu não poderia entrevistar no meu programa uma certa pessoa, outra vez um problema com a Secretaria de Estado de uma notícia que eu dei e ela chegou na rádio querendo fazer e acontecer. Aí eu falei com ela e mostrei que eu estava certa.

Depois numa outra ocasião, uma rádio que eu sempre fazia a cobertura do carnaval todo ano, em certo ano chamou apenas meu colega e disse que não podia me chamar por conta do dono do local.

14 - COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DO RÁDIO HOJE?

Eu pouco escuto as emissoras daqui, escuto mais a Rádio Senado por causa da seleção musical e notícia. Eu não tenho muita sorte, pois quando coloco nas emissoras daqui está sempre uma confusão. Se é um programa de música, há mais falação, se é um programa de notícia, com raras exceções, é o apresentador que nem deixa o entrevistado falar, fazendo a pergunta e já querendo responder.

A Rádio Difusora quase não escuto, até porque ela está ruim de pegar então nem posso dizer se ela está boa.

15- A RÁDIO DIFUSORA É O PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE LIGA O PARÁ E O AMAPÁ. COMO VOCÊ VÊ ESSA RELAÇÃO?

Olha se ela ainda é eu acho que não, mas antigamente ela era importante sim, não só com o Pará, mas também com a Guiana Francesa.

Hoje eu não sei, como não tenho escutado, nem posso dizer. Mas antes era de grande importância, havia comunicação entre as pessoas. O amapaense que estava fora do estado ficava sabendo das notícias através da rádio.

16 – SE PUDESSE MUDAR, O QUE FARIA DE DIFERENTE NA PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA?

Difícil responder porque eu não escuto.

17 – COMO VOCÊ AVALIA A MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS E O ACESSO A REPOSIÇÃO DE PEÇAS?

É muito descaso, é ruim, principalmente no interior onde todo mundo ouve. Enfeia o prédio, pinta o prédio, deixa bonito, o objetivo da rádio que é chegar na outra ponta falta modernizar, cuidar, fazer manutenção.

18 – COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES NO DIA-A-DIA DA RÁDIO?

Olha eu acho que foi um grande avanço porque até dá oportunidade para todos, pois assiste em qualquer lugar. Aqui em Macapá temos um problema, a internet é muito ruim.

19 – COMO VOCÊ OBSERVA A TRANSMISSÃO DA PROGRAMAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS?

Acontece raramente de eu assistir uma transmissão, e quando isso acontece, o vídeo para por conta da internet que caiu. Precisa melhorar esse quesito ainda.

20 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO DIFUSORA PARA A COMUNICAÇÃO NO AMAPÁ?

Ela teve uma importância assim imensa mesmo, por ser na época o único veículo que levava a informação, era recado, era mensagem. Sabia tudo que acontecia no país e no mundo através da rádio, além dos programas educativos.

Além disso, formou grandes radialistas e jornalistas, como Humberto Moreira que começou lá e tantos outros que depois saíram daqui e fizeram nome em outros estados como o Pará e Ceará. Mas eu acredito que hoje a importância dela é mínima.

21 – VOCÊ ACHA QUE O RÁDIO PODE CHEGAR AO FIM?

Não, sempre vai ter ouvinte para o rádio. É aquela coisa, diziam que o jornal impresso ia acabar com a internet, que o livro físico ia acabar depois que apareceu o e-book. Mas não acaba, sempre tem alguém para ler jornal, comprar um livro ou ouvir o rádio.

Agora é claro, o rádio precisa se modernizar, porque está concorrendo agora não só com a televisão, internet e jornal, mas com a rede social onde todo mundo dá a informação, você sabe primeiro por ela.

Então, o que o rádio precisa fazer, ele está dando informação só como qualquer um que dá nas redes sociais, sem ser radialista ou jornalista. Ele precisa dá notícia, reportagem, não é só pegar o notebook e ler a notícia.

02. ENTREVISTA J. NEY

1 – VOCÊ PODERIA NOS DIZER SEU NOME, PROFISSÃO E IDADE?

José Ney Picanço e Silva, sou radialista, já fui funcionário público municipal durante muito tempo. Estou atualmente com 76 anos. Amapaense, meu pai foi o Duca Serra e minha mãe a Tulica.

2 – COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO? 3 - VOCÊ PODERIA NOS CONTAR COMO FOI SUA IDA PARA A EMISSORA?

Em 1969, eu era servidor da Prefeitura Municipal de Macapá que na época do território era uma extensão do Governo do Território Federal do Amapá. Chegou um novo prefeito nomeado e não me dei com ele. Meu cunhado Benedito Andrade, grande nome da radiofonia amapaense, me levou para a Rádio Difusora de Macapá.

Lá eu fui para fazer trabalhos administrativos, de repente, por iniciativa dele, acabei indo para os microfones de lá onde eu passei pouco tempo, mas encontrei nomes fantásticos do rádio amapaense.

Logo em seguida, fui para a Rádio Educadora onde permaneci por bastante tempo, onde eu considero minha escola do rádio. Depois passei pela TV Amapá.

Atualmente estou na Diário do Amapá, com um programa matinal.

4 – VOCÊ CONSEGUE LEMBRAR, COM DETALHES, COMO FOI SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO NA RÁDIO?

Trabalho normal, fui para fazer serviços burocráticos e pude ter contato com os grandes nomes do rádio dentre eles Benedito Andrade, Amazonas Tapajós, Pedro Silveira, Agostinho Souza, Baião Caçula e outros.

5 – COMO ERA E QUAL O NOME DO PRIMEIRO PROGRAMA QUE VOCÊ APRESENTOU?

Foi um programa chamado Motorista em Trânsito, era depois da voz do Brasil. Era um programa voltado para taxistas, na época chamados de motoristas de praça. Era um segmento da sociedade muito ativo e o programa era voltado para eles onde tocava música, dava informação e outras coisas.

6 – COMO SE DAVA A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO OUVINTE?

Interação com o público boa, o programa era voltado para um segmento da sociedade que era os motoristas de praça e seus familiares, além de outras pessoas.

7 – QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE FAZER RÁDIO NAQUELA ÉPOCA E ATUALMENTE?

Tem muita diferença. Na época em que se começou, o rádio tinha todos os equipamentos modernos da época com bom sinal, mas comparando o rádio daquela época com o atual é bom que se diga isso que ele foi o que mais se beneficiou com a modernidade.

8 – DIANTE DA REALIDADE DAQUELA ÉPOCA, QUAIS FORAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA LEVAR UM PROGRAMA DE RÁDIO?

Quando tinha um grande sinistro, na época o repórter tinha que ter a felicidade de encontrar um orelhão ou alguma residência próxima que tivesse um telefone para ele interagir com a rádio. Hoje, ele puxa o celular dele e interage com a emissora dele.

9 – O SURGIMENTO DE NOVOS MEIOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO MUDOU A FORMA DE PRODUÇÃO DO RÁDIO?

O rádio se beneficiou de todas essas ferramentas, tem mais agilidade, sinal de qualidade, informações em tempo real. Tem mais agilidade inclusive que a televisão. Por exemplo, quando há algum acontecimento de grande repercussão, o rádio é imediato pois o repórter que está na rua liga para o programa e interage com a população. Já a televisão leva um tempo para chegar lá e reproduzir o vídeo. O rádio foi o mais se beneficiou com a modernidade e ainda é um veículo de comunicação de massa que tem mais intimidade com a população.

Na época do território, as emissoras tinham dificuldades em ter os LPs atualizados e os sucessos demoravam muito a chegar. Às vezes eu tinha na minha casa, mas a rádio não tinha e precisava sair com vários LPs para atualizar lá. Hoje, com as ferramentas modernas, tenho minha produção em casa e contato direto da minha pasta na rádio podendo alterar daqui mesmo.

10 – PODERIA RELEMBRAR FATOS QUE MAIS LHE MARCARAM DIANTE DOS MICROFONES DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ?

Mais importante para mim foi a amizade que eu pude fazer com pessoas e deparar com os radialistas considerados monstros do rádio amapaense. Isso me impactou de maneira favorável trabalhar com essas pessoas.

A Rádio Difusora sempre foi a grande escola de rádio amapaense. Todos os grandes profissionais passaram por ela. Lamentar que hoje a Rádio Difusora de Macapá não represente absolutamente nada na comunicação do Amapá. Poderia

ser a rádio exemplo do estado, mas não se deu a importância devida a ela. Ela teria que ser transformada numa fundação igual a de Belém, no Pará. A rádio difusora de Macapá precisa ser revitalizada.

11 – QUAL A DIFERENÇA EM TRABALHAR EM UMA EMISSORA COMERCIAL E UMA PÚBLICA?

Na pública temos restrições, não podemos criticar ações do governo. Lamentavelmente não é como na Voz do Brasil, órgão público, em que se algum deputado ou governador critica o presidente da República o órgão faz as críticas.

Agora na rede particular, a gente se incomoda em ser seciado na nossa opinião. A obrigação e dever do comunicador é passar informação, não desvirtuar a informação, não dar informação como *fake news*, não mentir, não contar “potoca”, tem que dar com correção e competência.

12 – COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DA RÁDIO ANTIGAMENTE? E HOJE?

O rádio tanto naquela época, como hoje e será sempre, vai ter um papel fundamental na vida da população, da comunidade. É um órgão transformador, formador de opinião, sempre foi assim. A Rádio Difusora teve um papel preponderante no progresso tanto do território e agora do estado.

13 – VOCÊ JÁ SOFREU CENSURA EM ALGUM MOMENTO NA RÁDIO?

Claro, na época da Rádio Educadora, que foi um pouco depois da revolução, toda a programação só poderia ir para o ar após passar pela censura da Polícia Federal. Fomos proibidos de usar cabelo grande, calça jeans, camisa vermelha.

15 – A RÁDIO DIFUSORA É O PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE LIGA O PARÁ E O AMAPÁ. COMO VOCÊ VÊ ESSA RELAÇÃO?

É uma relação saudável e lamentar que a Rádio Difusora não exista mais. Essa região ribeirinha que não é Amapá sempre teve uma grande interação com a capital Macapá através da Rádio Difusora.

Não sei se rádio tem até hoje um programa, o mais antigo do rádio amapaense, que é o alô alô Amazônia, onde havia uma interação muito grande com os ribeirinhos que escutavam a rádio. E nós também escutando as emissoras do Pará, que entrava com bastante nitidez. Então havia uma interação muito grande, uma troca de conhecimentos que haviam entre os estados.

16 – SE PUDESSE MUDAR, O QUE FARIA DE DIFERENTE NA PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA?

Não escuto a programação da rádio

17 – A RÁDIO DIFUSORA HOJE É A ÚNICA EMISSORA DE AMPLITUDE MODULADA NO ESTADO E ENFRENTA UM PROBLEMA SÉRIO QUE É A DESCONTINUIDADE DESSE TIPO DE SINTONIA NOS APARELHOS ELETRÔNICOS. QUAL SERIA A SAÍDA PARA CONTINUAR ENTREGANDO O SINAL AOS OUVINTES?

É lamentar uma situação desta. O Governo Federal, através do Ministério das Comunicações, deu oportunidade para que todas as emissoras AM do Brasil pudessem se modernizar passando para FM, mas essa opção não foi feita aqui no Amapá.

Para fazer isso, o Governo do Estado gastaria cerca de R\$ 100 mil, mas não fez. Isso é triste. O último ano em que a rádio difusora esteve bem diante do seu público, que é fiel, diante da sociedade, foi quando o administrador de empresa, Ronaldo Picanço, foi gerente lá e modernizou a emissora. De lá para cá, uma decadência lamentável ao ponto de a emissora não existir.

18 – COMO VOCÊ AVALIA A MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS E O ACESSO A REPOSIÇÃO DE PEÇAS?

Esses equipamentos que a Rádio Difusora usa estão todos superados, com dificuldades para encontrar peças e dificuldades, inclusive, para se trazer técnicos de fora para resolver problemas aqui.

19 – E O QUE VOCÊ PODE FALAR SOBRE A MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA?

O rádio vive em constante movimento e sempre revelando bons profissionais. Tem surgimento de novos nomes no rádio. Então, o rádio precisa dessa oxigenação e eu sou a favor da renovação. O rádio é uma atividade que ele enseja que você até uma certa idade continue atuando e essa atuação tem que ser com qualidade.

20 – COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES NO DIA-A-DIA DA RÁDIO?

Fantástica, espetacular. Quer ter uma ideia da importância das redes sociais? Eu saio da minha casa para fazer o programa, o meu celular já vem recebendo informações, de pessoas reclamando, denunciando e fazendo apelos de problemas

que ocorrem na cidade. Rede Social: fundamental para que as emissoras de rádio funcionem hoje, imprescindível.

21 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO DIFUSORA PARA A COMUNICAÇÃO NO AMAPÁ?

Sempre foi ao longo dos anos. Mesmo neste período negro, que é 2020, a importância dela está retratada na revolta do seu público fiel que não tem uma emissora de qualidade.

22 – VOCÊ ACHA QUE O RÁDIO PODE CHEGAR AO FIM?

Nunca. O rádio com toda a força e modernidade da internet, ele segue sendo o maior veículo de comunicação de massa. Cientificamente falando, quando acontece um sinistro, uma enchente, quem dá a notícia primeiro é o rádio.

Agora com o advento da tecnologia, o repórter puxa o celular dele e dá a informação e a população vai saber em tempo real o que está acontecendo. Nenhum cantor faz sucesso na vida se a música dele não tocar no rádio.

03. ENTREVISTA PAULO SILVA

1 – VOCÊ PODERIA NOS DIZER SEU NOME, PROFISSÃO E IDADE?

No rádio Paulo Silva, radialista, jornalista, 64 anos.

2 – COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO?

Comecei trabalhando com sistema de aparelhagem, depois me tornei repórter e apresentador.

3 – VOCÊ PODERIA NOS CONTAR COMO FOI SUA IDA PARA A EMISSORA?

Fui levado por um amigo para a Rádio Difusora em 1975, com 20 anos. Esse amigo estava saindo de lá para outra emissora e me levou. Eu comecei a minha trajetória lá na equipe de esportes.

4 – VOCÊ CONSEGUE LEMBRAR, COM DETALHES, COMO FOI SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO NA RÁDIO?

Eu cheguei lá e encontrei feras do Rádio, como Humberto Moreira, Benedito Andrade, que foi apresentador de televisão, José Barros Machado. Encontrei Edvar

Mota, Pedro Silveira, Agostinho Sousa e outros que não lembro agora, mas estes lembro muito bem e foi com eles no esporte.

Encontrei Milton Barbosa, o Biratam Silva, Almir Menezes. Encontrei Juarez Maués porque foi no esporte que eu comecei, depois de algum tempo deixei o esporte.

5 – COMO ERA E QUAL O NOME DO PRIMEIRO PROGRAMA QUE VOCÊ APRESENTOU?

O momento esportivo era um programa de esporte que ia para o ar meio-dia de segunda a sexta-feira.

6 – COMO SE DAVA A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO OUVINTE?

Não, com o público na época não havia interação. Para você ter uma ideia tudo era escrito, hoje você usa o papel apenas para anotar tópicos e desenvolver. Antes não, tudo era escrito, tudo que a gente lia era escrito.

Então o programa era praticamente uma leitura onde se passava a manhã toda redigindo e depois ia ler. A interação com o público era pouca, era mais com dirigentes esportivos, jogadores, técnicos de clubes que, às vezes, a gente conversava com eles ou gravado ou então pelo telefone.

7 – QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE FAZER RÁDIO NAQUELA ÉPOCA E ATUALMENTE?

Hoje é muito mais fácil. Hoje você tem toda uma tecnologia, hoje você não precisa estar redigindo, hoje você da sua casa faz, por exemplo eu estou aqui no estúdio com você, mas se eu quisesse estaria em casa participando do programa. Antes não, a dificuldade era muito grande.

8 – DIANTE DA REALIDADE DAQUELA ÉPOCA, QUAIS FORAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA LEVAR UM PROGRAMA DE RÁDIO?

Para transmitir um jogo, por exemplo, você tinha que pedir uma linha de transmissão, que era um fio que saia da rádio e chegava até o estádio. E as vezes quebrava. E aí a dificuldade era achar onde quebrou, então o técnico saía subindo escada.

Hoje não, você monta o equipamento moderno, uma modernidade que muda. O que é moderno hoje daqui a um mês já está obsoleto. Então hoje é muito mais fácil, não tem nem comparação. A gente andava com gravador monstros na mão.

9 – O SURGIMENTO DE NOVOS MEIOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO MUDOU A FORMA DE PRODUÇÃO DO RÁDIO?

Não tenha dúvida que mudou. Antes, por exemplo, como a gente fazia com esporte, fazia também com o jornal aqui no Amapá, você gravava a emissora de fora, o noticiário jornalístico, você gravava, encostava um gravador no rádio, gravava e depois você ia ouvir e digitar na máquina de datilografia e colocava no papel. Hoje não precisa, basta abrir seu notebook dentro do estúdio e você tem lá o noticiário por inteiro.

10 – PODERIA RELEMBRAR FATOS QUE MAIS LHE MARCARAM DIANTE DOS MICROFONES DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ?

Tenho um que é muito triste que foi o naufrágio do Novo Amapá. Muito triste porque eu fui para lá, não fui para o local do sinistro, fiquei em Santana porque minha filha estava prestes a nascer e o Humberto foi lá para o local do naufrágio.

Nessa época a gente fazia o jornalismo esportivo e o jornalismo político. Foi uma das coisas mais triste que acompanhei. Depois precisamos passar por exames médicos, tomar vacina contra febre tifoide e também o drama de ver colegas que vieram de Belém para fazer a cobertura aqui e na volta o avião que os levava caiu, e eles acabaram morrendo. São coisas daquela tragédia que a gente não esquece nunca.

Na parte da alegria tem muitos, principalmente no futebol. Como o Trem ganhando cinco vezes no Copão da Amazônia, o Independente ganhando o último. São coisas que eu citaria como que marcaram.

11 – QUAL A DIFERENÇA EM TRABALHAR EM UMA EMISSORA COMERCIAL E UMA PÚBLICA?

A pública tem suas limitações, aqui temos uma rádio pública que é a difusora e temos nossas limitações. Não adianta falar diferente que tem, por exemplo, dentro da Rádio Pública você não vai falar do governo.

Temos também rádio nas mãos de político, que eu considero ruim, porque eles fazem as negociações deles e usam o profissional.

E nós temos poucas emissoras nas mãos de empresários da comunicação, então, é aí que vejo diferença entre a rádio pública que você tem a limitação imposta pela própria condição da rádio que pertence ao estado, a rádio na mão de político que só quer saber dos interesses dele e a liberdade que temos um pouco mais quando se trabalha numa emissora que olha o lado empresarial.

12 – COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DA RÁDIO ANTIGAMENTE?

Naquela época era bom, até porque nós não tínhamos outra opção. Só depois que veio a Rádio Educadora, que era dos padres, mas aí veio a revolução e acabou fechando a rádio. O jeito era ouvir a Difusora ou então se ligar em ouvir rádio de outros estados, mas teria que ter um som potente para ouvir em ondas curtas. Ou até ouvir emissoras estrangeiras, como a voz da América como rádios da Venezuela, rádio da Alemanha falando em português.

13 – VOCÊ JÁ SOFREU CENSURA EM ALGUM MOMENTO NA RÁDIO?

Já, várias vezes, inclusive recentemente. A gente passa por censura todos os tempos. Não tem como porque se o político não gosta daquilo que você fala daquilo que você escreve, ele vem pra cima de você. Eu já fui processado várias vezes, mas nunca fui condenado porque tudo que eu escrevo ou falo eu posso provar. Mas aí a pessoa que é atingida vem pra cima do dono da rádio, vai pra cima do governo, no caso da pública, se é rádio de político vai pra cima dele. Então o profissional mesmo não tem a liberdade que ele gostaria de ter.

Só depois de muito tempo quando você passa a ter certo tempo de trabalho, os caras passam a te respeitar, mas também não dá para confiar muito. A censura sempre vai existir, não tem jeito não.

Eu já fui processado por Governador, político, deputado estadual, enfim, eu nunca perdi. Censura a gente sofre todos os dias.

14 - COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DO RÁDIO HOJE?

Eu sou muito crítico, às vezes eu critico a mim mesmo quando eu não gosto daquilo que eu faço. Mas fazer rádio no Amapá é muito difícil e eu vou dizer o porquê.

Nós temos uma rádio que é do poder público, onde você tem uma liberdade limitada, você tem um monte de rádio na mão de político, que olha só os interesses deles, e uma ou duas rádios nas mãos de quem é empresário da comunicação. Então fica muito difícil.

Também nós temos muita gente, que até chego a dizer que tem no Amapá analfabeto fazendo rádio, porque os donos das emissoras bastam chegar com dinheiro e comprar o horário. E aí cidadão vai para lá e fala um monte de bobagem, desinformação, o que se convencionou a chamar de fake News e o dono da Rádio quer saber do dinheiro no final do mês do espaço que ele vendeu. Então eu penso que o rádio do Amapá precisa se reinventar porque corre risco de ficar para trás.

15 – A RÁDIO DIFUSORA É O PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE LIGA O PARÁ E O AMAPÁ. COMO VOCÊ VÊ ESSA RELAÇÃO?

Já foi mais forte. Inclusive, a gente tem muitos amigos que fazem rádio no Pará e amigos que a gente fez justamente por conta desta relação. Muitos saíram daqui e foram brilhar como o Luiz, Ivo Pinho, Edna Luz.

Essa relação já foi mais forte, mas hoje infelizmente, a Rádio Difusora ela teve a sua parte técnica comprometida e isso acabou diminuindo a potência da emissora. E ela já não tem mais aquele alcance que tinha antes, mas a relação continua sendo boa, principalmente com as ilhas do Pará, essa região que é do Pará, mas que fica mais próximo da gente aqui como Breves, Chaves e outras ilhas do arquipélago do Marajó.

16 – SE PUDESSE MUDAR, O QUE FARIA DE DIFERENTE NA PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA?

Olha eu colocaria mais informação, mais prestação de serviço, pouca música. Acredito que quem ouve rádio aí fora já pode observar que a programação é mais notícia, mais informação é mais prestação de serviço e música é complemento. Se bem que nós temos rádio que só toca música, mas esse aí fica mais para juventude.

Para quem vive o dia a dia, para quem tem que se virar, acordar cedo e trabalhar, voltar para casa retornar para o trabalho, eu entendo que o povo quer informação, quer discussão dos assuntos que interessam ao estado, ao município, que interessa ao país. Eu colocaria mais notícia, mais informação mais prestação de serviço e menos música.

17 – A RÁDIO DIFUSORA HOJE É A ÚNICA EMISSORA DE AMPLITUDE MODULADA NO ESTADO E ENFRENTA UM PROBLEMA SÉRIO QUE É A DESCONTINUIDADE DESSE TIPO DE SINTONIA NOS APARELHOS ELETRÔNICOS. QUAL SERIA A SAÍDA PARA CONTINUAR ENTREGANDO O SINAL AOS OUVINTES?

Olha não tem jeito, ela vai ter que se transformar. Ela vai ter que virar uma Frequência Modulada (FM), porque as rádios AM estão acabando. Tanto que o prazo para que as rádios de Amplitude Modulada terminem já está estabelecida em lei.

A Difusora, infelizmente, ela está atrasada no tempo. Ela já perdeu a onda tropical. Já perdeu a concessão e estava até bem pouco tempo, não sei dizer como está em andamento porque eu não faço parte da direção da firma, já fui, mas hoje eu apenas presto serviço lá, para migrar para FM ou então acaba. Então ela precisa se preparar para isso.

18 – COMO VOCÊ AVALIA A MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS E O ACESSO A REPOSIÇÃO DE PEÇAS?

É muito difícil, não é o caso só da Difusora, eu costumo a dizer que as rádios daqui não tem manutenção periódica. Eu sempre lembro inclusive aqui que é só você prestar atenção que a cada 2 meses, geralmente depois do Domingo Maior na Globo, a Globo sai do ar para manutenção nos equipamentos. Porque é preciso que haja manutenção dos equipamentos sobre pena de lá na frente haver pena.

E no caso da Difusora, ela não tem o corpo técnico. Hoje a difusora tem equipamentos no seu parque transmissor que são obsoletos, e como o rádio AM está acabando, recentemente ela passou quase dois meses fora do ar porque nem peça tem mais para os equipamentos, eles são grandes e hoje até o transmissor para funcionar uma rádio é pequena porque também a frequência modulada tem o seu alcance. Mas hoje tem a ajuda da internet que você é ouvido pelo mundo todo independente do tamanho do seu parque transmissor. Então para mim o que falta é isso a manutenção periódica e ter equipe técnica.

19 – E O QUE VOCÊ PODE FALAR SOBRE A MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA?

A mão de obra especializada também é um problema porque muita gente sai da faculdade achando que já sabe tudo. Lá na academia você aprende a teoria, à prática é outra.

Eu quando comecei, confesso que eu não sabia como iniciar um texto, embora soubesse colocar o papel na máquina porque já havia feito curso de datilografia e depois eu fui lecionar datilografia. Mas como conduzir o texto? Aí eu tive que aprender.

Mas também para você aprender você tem que ir para dentro da rádio e é uma dificuldade ir para dentro da Rádio como estagiário, por exemplo. Por que todo estágio é remunerado. Aqui o empresário é difícil pagar o que já está lá dentro, imagina pagar o estagiário. Então essa é uma dificuldade que eu vejo.

Não temos curso preparatório aqui para quem saiu da academia e aprender a fazer rádio. Então o que eu sempre digo é ler muito, ouvir outras emissoras, coisa que faço todo o fim de tarde em casa quando estou escrevendo para o jornal. Eu acho que esse é o caminho.

20 – COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES NO DIA-A-DIA DA RÁDIO?

Não tenha dúvida que soma muito e vai continuar somando. A rádio que não estiver ligado nas redes sociais também está fora, vai ficar para trás, vai dar notícia velha. Porque se você ficar só na sua emissora sem estar ligado no que diz as redes sociais, cabendo a gente filtrar pra saber o que é correto, que é verdadeiro e não é, mas sem estar ligado nas redes sociais a rádio não vai conseguir sobreviver ela vai ter que parar também.

21 – COMO VOCÊ OBSERVA A TRANSMISSÃO DA PROGRAMAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS?

É ótimo. Também é outra coisa da modernidade e eu digo também que quem não se enquadrar vai ficar para trás. É fundamental, recebemos ligações e contatos do mundo todo de pessoas que nos assistem pelo rádio e também nas lives. Todas as emissoras fazem isso, você pode ligar a CBN, Band, Jovem Pan e todas estão também na internet.

22 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO DIFUSORA PARA A COMUNICAÇÃO NO AMAPÁ?

Eu costumo dizer que Difusora é casa que todos os profissionais mais antigos do rádio passaram. Eu cheguei lá e 75. Estou lá até hoje com algumas idas e vindas. Tive a honra de ser diretor três vezes lá, duas vezes na Rádio Difusora e uma vez na Rádio Nacional, nos anos de 78, 91 e 2010. Mas também passei pela direção de jornalismo e pela direção de esporte.

Então eu diria que todos os radialistas que tenham entre 10 e 15 anos de serviços passaram pela difusora. Ela formou grandes profissionais do rádio.

23 – VOCÊ ACHA QUE O RÁDIO PODE CHEGAR AO FIM?

Não, não chega. Disseram que o samba ia acabar e não acabou, que os jornais iam acabar e não acabaram, eles podem ir se adequando com o tempo, e agora se fala muito no fim do rádio, mas ele não se acaba, se moderniza.

04. ENTREVISTA LUIZ MELO

1 – VOCÊ PODERIA NOS DIZER SEU NOME, PROFISSÃO E IDADE?

Luiz de Melo Ferreira, sou jornalista, radialista, e a minha idade é 67 anos.

2 – COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO? COMO FOI SUA IDA PARA A EMISSORA?

Eu digo que por acaso. Eu gostava muito de esporte, futebol mais precisamente, e o J Araújo, que era namorado da minha prima naquela época, tinha um programa na Rádio Educadora. Ele via que eu gostava de esporte, que eu ouvia rádio dentro de casa e ia bater bola na rua perguntou se eu queria ir para lá para ajudar trabalhando.

Eu fui, mas não fazia nada. Mesmo porque eu não tinha conhecimento. Eu nunca pensei em ser radialista, ser jornalista, em nada. Eu pensava mesmo era em participar. Sempre fui muito dedicado a tudo que eu fazia.

Então, eu não sabia fazer nada de rádio, não sabia fazer nada de jornalismo. Aí ele me mandava eu cobrir, na bicicleta dele, os treinos dos times de futebol. Eu pegava nota, via como tinha sido o treino e repassava para ele, que redigia e falava durante a programação. Eu era curioso. Então, enquanto ele estava redigindo eu ficava de olho.

Lá só se entrava com curso, não se entrava assim de qualquer jeito. Tinha que ter talento para apresentar. Eu também gravava as notícias de programas nacionais,

naquela época se usava um gravador enorme, para entregar de madrugada para ouvirem e passarem as informações.

Com um tempo, eu pegava o gravador e treinava para ver se eu tinha condições de apresentar algo. Foi aí que fui aprendendo, passei para repórter e depois consegui um espaço para apresentar um programa esportivo.

Depois eu passei num concurso do Banco da Amazônia e como tinha que ter exclusividade e não podia exercer outra atividade, por conta disso sai da rádio Educadora, mas continuei ligado a ela.

Eu já estava no Basa quando entrei para a rádio nacional, que assumiu o lugar da rádio Difusora. Nós demos com o diretor que veio da rádio Brás, de Brasília, para dirigir. Como já tínhamos nomes aqui, como eu, J Ney, e outros. Criamos o programa “Sua Excelência”.

Fomos conversando com ele e conseguimos com que ele colocasse um horário para nós, num curto período. Nessa época a Rádio Educadora já tinha fechado por conta da Ditadura.

Aí eu fui transferido do banco para Belém, onde participei da rádio Liberal, depois fui transferido para Altamira onde passei um ano e cinco meses. Fui convidado para participar de uma rádio clandestina, o nome era Pioneira.

Voltei para Macapá e fui convidado para trabalhar na Rede Amazônica com a missão de reestruturar a emissora. Pedi licença do banco, por um ano, e comecei a trabalhar na emissora. Depois estendi a licença por mais três anos.

A rádio nacional saiu do Amapá e a rádio difusora retornou. Então, a rádio Brás implantou a Nacional FM, a primeira rádio de Frequência Modulada de Macapá. O governo abriu licitação para vender e eu tive interesse em comprar.

Pedi demissão do Banco da Amazônia e fui em busca de recursos para comprar a emissora, que se tornou a Antena FM. Fui em São Paulo e fiz o contrato de franquias com eles para usar o nome dela. O faturamento era muito baixo e fiquei preocupado por não conseguir fechar contratos para a rádio.

Foi aí que eu criei o programa Luiz Melo Entrevista. No primeiro dia levei o governador do Amapá, Jorge Nova da Costa. A audiência bombou, todos escutando o governador. No outro dia eu levei o prefeito, depois deputado e assim foi.

4 – COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES NO DIA-A-DIA DA RÁDIO?

Está ocorrendo mais ou menos como ocorreu com o teatro. Quando surgiu a televisão, todos diziam que ia acabar o teatro e não acabou, ele continua sendo a melhor arte que existe.

Diziam que televisão ia acabar com o rádio também, não acabou. O rádio se fortaleceu, a rede social veio para fortalecer. Para mim está bem melhor, mais forte do que antes da internet.

Claro que diminuiu um pouquinho porque dissemina. Tu podes criar uma rádioweb, uma live.

Então, eu tiro proveito disso. Vem para me ajudar. No mesmo momento em que a notícia saí no programa, já tem um redigindo aqui para colocar no site.

5 – COMO VOCÊ OBSERVA A TRANSMISSÃO DA PROGRAMAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS?

Isso aqui veio para ajudar e muito. O alcance da rádio só pegava aqui em Macapá, em até determinado ponto, agora pela até na China através do aplicativo.

Passamos a ter mais força através do alcance. Passamos a interagir melhor com o ouvinte pois ele tem mais facilidade em ligar.

05. ENTREVISTA ERALDO TRINDADE

1 – VOCÊ PODERIA NOS DIZER SEU NOME, PROFISSÃO E IDADE?

Eraldo da Silva Trindade, sou jornalista, radialista, engenheiro florestal, advogado e empreendedor na área de comunicação.

2 – COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO? 3 - VOCÊ PODERIA NOS CONTAR COMO FOI SUA IDA PARA A EMISSORA?

Começou por volta de 1983 na Rádio Difusora depois de eu ter enviado uma carta manifestando o desejo de ser radialista, aí eu fui chamado pelo Humberto Moreira para realizar um teste de locução de leitura e, nesses testes que naquele momento eram necessários serem feitos, eu fui aprovado.

Mas eu sou de uma época que a gente tinha que ficar mais ou menos uns três meses em laboratório para depois iniciar as atividades. Então minha vida no rádio começou mais ou menos desta forma.

4 – VOCÊ CONSEGUE LEMBRAR, COM DETALHES, COMO FOI SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO NA RÁDIO?

Meu primeiro dia de trabalho foi no jogo de futebol do campeonato amapaense, curiosamente narrado pelo Humberto Moreira, que me chamou para fazer o teste. Eu fui ser plantonista, que é aquela pessoa que fica em estúdio para informar os resultados da Loteria Esportiva dos jogos que acontecem no país inteiro.

Alguns meses depois com a saída de um colega que apresentava um programa musical pela parte da manhã, eu fui chamado para fazer esse programa e de lá não sai mais.

5 – COMO ERA E QUAL O NOME DO PRIMEIRO PROGRAMA QUE VOCÊ APRESENTOU?

Bate-bola musical foi o programa que foi o meu laboratório, era de 21 horas até às 22 horas.

Esse programa é um fato interessante porque antes de mim quem apresentava esse programa era o Mareco, que recentemente faleceu, e depois ele saiu foi jogar futebol e eu fiquei junto com outro colega chamado Paulo Silva na apresentação.

6 – COMO SE DAVA A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO OUVINTE?

Só através do telefone convencional, porque na época não tínhamos o telefone celular, as redes sociais. Como o rádio tinha uma força muito grande naquela época, a televisão tínhamos só a TV Amapá com programação gravada sendo colocada lá, então havia uma interação muito grande da população com as emissoras de rádio que na época eram duas: a Difusora e a rádio educadora.

Então quem fazia a rádio se tornava muito conhecido, muito popular, ao ponto de dar até autógrafos nas praças, uma coisa assim muito bonita.

7 – QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE FAZER RÁDIO NAQUELA ÉPOCA E ATUALMENTE?

Os desafios eram muito grandes a partir do ingresso no rádio, por que as pessoas que davam oportunidade elas tinham um critério grande de seleção. Hoje o rádio ficou um pouco mais eu vou usar uma expressão que talvez não devesse, mas é aqui me parece vulgarizado com pessoas que chegam com determinado valor em algumas emissoras de rádio compra um horário e acabam sendo radialistas.

8 – DIANTE DA REALIDADE DAQUELA ÉPOCA, QUAIS FORAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA LEVAR UM PROGRAMA DE RÁDIO?

Então na época em que eu comecei a fazer Rádio, o grande desafio era você ter talento para a profissão, verbalizar bem, ter um bom português e procurar ler de forma que o ouvinte pudesse entender, aprender a interpretar a notícia, coisa que hoje não se faz. Então cada tipo de texto era um tipo de interpretação, tudo isso eram os principais desafios.

9 – O SURGIMENTO DE NOVOS MEIOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO MUDOU A FORMA DE PRODUÇÃO DO RÁDIO?

Não, o rádio teve que se adaptar a modernidade. Mas ele continua tendo a mesma força porque é um veículo de comunicação imediata. As pessoas podem ouvir rádio em qualquer lugar, mesmo com as redes sociais.

Então, hoje as emissoras de rádio estão se adaptando as redes sociais como o Facebook, que é uma maneira de popularizar ainda mais a atividade

10 – PODERIA RELEMBRAR FATOS QUE MAIS LHE MARCARAM DIANTE DOS MICROFONES DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ?

O principal fato que mais me marcou foi exatamente o naufrágio do Novo Amapá, foi o fato que mais marcou minha atividade como profissional no rádio. Não é que eu tenho aqui, de repente, tivesse sido designado para fazer a cobertura, mas eu estava em estúdio e, exatamente pelos relatos feitos pelos companheiros naquela época, Moreira foi a pessoa que foi até o local do acidente e depois voltou relatando o fato de como os corpos eram conduzidos.

Havia o caso de um caminhão que estava cheio de caixões e, a uma determinada manobra, o caminhão caiu e os corpos ficaram expostos. Isso foi o que mais marcou até porque eu estava no início de carreira no rádio.

11 – QUAL A DIFERENÇA EM TRABALHAR EM UMA EMISSORA COMERCIAL E UMA PÚBLICA?

Eu penso que a comercial dá muito mais liberdade para você desenvolver seu, raciocínio, seu pensamento, sua ideia. Já a pública é muito mais limitada a uma linha editorial cujo principal objetivo é atender os interesses do agente público

12 – COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DA RÁDIO ANTIGAMENTE?

Eu tenho uma concepção e um conceito que o papel do rádio continua o mesmo na sociedade. Eu diria que antigamente tinha uma influência muito maior em função da própria abrangência. Hoje você tem uma concorrência grande das plataformas musicais, então o rádio precisa se modernizar junto as próprias redes sociais com uma linguagem bem mais fácil de interpretação e compreensão.

Ele tinha um papel de um agente em defesa da sociedade muito maior, porque as pessoas só contavam com o rádio. Então se um problema acontecesse na comunidade, era o rádio o porta-voz, hoje continua sendo, mas em menor incidência, porque as redes sociais vieram ocupar esse espaço.

13 – VOCÊ JÁ SOFREU CENSURA EM ALGUM MOMENTO NA RÁDIO?

Só na época em que eu iniciei no rádio, pois estávamos na época da ditadura militar. No caso de um programa musical tinha que submeter a Polícia Federal a avaliação das músicas que iam ser tocadas para saber se elas não traziam nas letras algo que incentivasse ou fosse contra a filosofia do governo ditadurial. Fora isso, nenhuma outra.

14 - COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DO RÁDIO HOJE?

O papel do rádio continua a ser muito importante porque as pessoas não deixaram de ouvir o rádio e nem vão deixar. Só que ele precisa se reinventar, no sentido de poder trazer para as pessoas, comunidade, população, muito mais qualidade, mais conteúdo e atrações que possam prender essa população. Porque se continuar na vulgaridade, hoje a gente está ocorrendo muito esse erro aqui no estado, muitas emissoras de rádio na ânsia de sobreviver começaram a locar horários que acabam empobrecendo a qualidade do material que acaba chegando ao conhecimento da população, e isso, de certa maneira, é um gato negativo.

15 – A RÁDIO DIFUSORA É O PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE LIGA O PARÁ E O AMAPÁ. COMO VOCÊ VÊ ESSA RELAÇÃO?

Já foi mais intensa. Com o advento das redes sociais qualquer interior tem acesso ao celular e as pessoas conseguem se comunicar. Então aquele indivíduo que morava aqui em frente à cidade de Macapá, que dependia do rádio para uma mensagem de algum familiar da capital, ele já não necessita tanto hoje do rádio porque ele tem a gente sociais ele tem o whastapp para mandar mensagem. Então eu penso que essa utilidade ela já não é tão intensa como antigamente.

16 – SE PUDESSE MUDAR, O QUE FARIA DE DIFERENTE NA PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA?

Hoje é meio difícil de fazer uma crítica do que tem que mudar lá. Eu trabalhei na década de 80 lá, já faz mais de 30 anos, mas eu acho que o rádio, no sentido de uma emissora pública, ela precisa estar alinhada ao pensamento do órgão público que lhe administra. Eu, sinceramente, não vejo neste momento nenhuma sugestão de mudança, o que eu imagino é que ela também tem que ser adaptar as inovações.

17 – A RÁDIO DIFUSORA HOJE É A ÚNICA EMISSORA DE AMPLITUDE MODULADA NO ESTADO E ENFRENTA UM PROBLEMA SÉRIO QUE É A DESCONTINUIDADE DESSE TIPO DE SINTONIA NOS APARELHOS ELETRÔNICOS. QUAL SERIA A SAÍDA PARA CONTINUAR ENTREGANDO O SINAL AOS OUVINTES?

Modernizar, migrar para o sistema de FM, que todas as emissoras que transmitiam nas frequências Amplitude Modulada (AM) e Onda Média (OM) estão passando para as FM.

Necessariamente como por exemplo a televisão como estava anteriormente em analógica hoje ela é digital. Então quem não se adaptar com certeza vai ficar para trás e vai chegar um determinado momento que não sobreviverá. É uma necessidade essa modernização, migração que a própria sociedade exige.

18 – COMO VOCÊ AVALIA A MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS E O ACESSO A REPOSIÇÃO DE PEÇAS?

No sistema atual é muito difícil manter equipamentos por que está tudo obsoleto. Então essa modernização exige que a emissora tenha equipamentos modernos. Primeiro a questão da migração, quando você não trabalha mais sinal AM, você não vai mais comprar peça de reposição porque o próprio sistema não é mais utilizado no país.

Hoje você está tendo uma modernização geral de equipamentos, por exemplo, emissoras de televisão tiveram que jogar fora equipamentos que não servem mais.

Então, as emissoras de rádio que é o caso da Difusora que não se adaptarem com um determinado tempo vão ter que fechar as portas, porque não vão ter peças para fazer reposição para os equipamentos de estúdios.

19 – E O QUE VOCÊ PODE FALAR SOBRE A MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA?

Eu ainda continuo muito crítico né, porque rádio é dom. É você trazer o dom para fazer rádio e jornalismo de uma forma geral, é você ter a sensibilidade, é você poder ter um raciocínio lógico, o senso crítico. São aspectos que eu entendo que são fundamentais para quem faz comunicação.

Essa seleção ela deveria continuar a ser criteriosa para você ter um padrão de qualidade. O que se ouve muito no rádio hoje são pessoas com deficiência do português, elas não conseguindo ter o senso crítico, mas também tendo uma dificuldade grande de se expressar, com erro de concordância. Uma série de situações que acaba contribuindo para que a própria população, que é muito mais crítica, exija.

20 – COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES NO DIA-A-DIA DA RÁDIO?

Uma extrema necessidade para não ficar para trás. Hoje a pessoa quer ouvir uma música, ela vai na plataforma digital do telefone celular. Ela quer uma informação digita lá na UOL, G1 ou outros portais e tem a informação. Então o rádio precisa se reinventar, criar mecanismos atrativos para não perder esses segmentos.

21 – COMO VOCÊ OBSERVA A TRANSMISSÃO DA PROGRAMAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS?

É uma maneira de alcançar esse segmento que está um pouco fora desse contexto. O rádio, eu não vejo que se torne um veículo de comunicação obsoleto, mas ele precisa se integrar, precisa se modernizar.

22 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO DIFUSORA PARA A COMUNICAÇÃO NO AMAPÁ?

Impar. Nada no Amapá se compara o que representa a difusora. Ela é a emissora dos nossos avós, bisavós, pais, nossa e de nossos filhos. Se tem uma história para ser contada do rádio no Amapá, essa história está toda concentrada na difusora.

Só que pelo hoje existe de política, precisaria que o governo olhasse para a difusora não apenas como uma emissora de rádio, mas como a história do rádio no Amapá. Todos os grandes comunicadores passaram pela rádio difusora, ela foi uma escola, mas completa. Então, nós não temos no Amapá um museu da imagem e do som, mas eu diria que o começo deste museu está na difusora.

23 – VOCÊ ACHA QUE O RÁDIO PODE CHEGAR AO FIM?

É muito difícil prever o que vem pela frente. Eu lembro que há 30 anos ninguém imaginava que nós andaríamos com um celular que cabe no bolso. Há algum tempo atrás ninguém imaginaria que poderíamos ter esse avanço tecnológico que temos.

Então é muito difícil prever se o rádio vai terminar ou não, mas ele vai se integrar a um sistema de comunicação global em que as emissoras de rádio estão dentro de um contexto universal que já não representam o que as emissoras representavam no início.

É difícil prever, mas eu acho que enquanto existirem pessoas com curiosidades momentâneas, o rádio vai continuar a ter a história dele. Mas vai depender muito de quem está fazendo o rádio, preparar esse campo e esse mercado para futuras gerações.

06. ENTREVISTA HUMBERTO MOREIRA

1 – VOCÊ PODERIA NOS DIZER SEU NOME, PROFISSÃO E IDADE?

Humberto da Costa Moreira, tenho 69 anos, sou jornalista por experiência e por formação.

2 – COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO? COMO FOI SUA IDA PARA A EMISSORA?

Comecei na Rádio Difusora em setembro de 1967. Houve um teste para locutores esportivos e eu fui aprovado entre várias pessoas que fizeram, inclusive mais velhas que eu. Eu tinha só 17 anos incompletos quando fui pra Difusora e aprovado lá.

Eu comecei através de um teste na equipe esportiva, depois eu fui evoluindo dentro da equipe de esportes até chegar na condição de chefe de equipe, narrador, redator, apresentador de programa.

Eu sou o funcionário mais antigo da rádio difusora e no momento estou afastado.

4 – VOCÊ CONSEGUE LEMBRAR, COM DETALHES, COMO FOI SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO NA RÁDIO?

Foi no dia 5 de setembro de 1967, eu estreei num programa chamado Momento Esportivo que era um programa de esporte que passava as 12h na rádio. Eu me

lembro muito bem porque antigamente tinha um desfile no dia da raça, que era com crianças, e no meu primeiro dia falei sobre o desfile no programa.

6 – COMO SE DAVA A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO OUVINTE?

O rádio, antigamente por ser só duas emissoras no Amapá a Difusora e a Educadora. A interação com o público era maior porque o rádio era uma das poucas opções de divertimento que se tinha por aqui. As pessoas ouviam bastante rádio, todo mundo tinha um ligado dentro de casa. Havia uma maior interação naquela oportunidade com os ouvintes.

Hoje existe muitas variantes como internet, celular e outros que chamam a atenção. Naquela época não tinha.

7 – QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE FAZER RÁDIO NAQUELA ÉPOCA E ATUALMENTE?

Embora fosse uma época em que houvesse mais interação com o público, a gente tinha dificuldades. Por exemplo, como não tinha internet, para pegar notícias de fora do estado tinha um telegrafista com um rádio enorme e ele ouvia o código Morse onde captava as informações e passava para o papel para a gente poder ler e saber o que estava acontecendo fora e passar a informação para a população.

Hoje existe a facilidade de que temos técnicos, temos pessoas especializadas para poder trabalhar nas emissoras de rádio e dar manutenção. Naquela época não havia isso, era uma coisa de curiosos onde se mexia, mas não tinha certeza. A facilidade é muito maior que antigamente.

Outro detalhe importante é que você só trabalhava se tivesse voz, papo. Hoje qualquer pessoa chega numa emissora de rádio e compra um horário, dispara um monte de besteiras sobre assuntos que ele não conhece e passa como se fosse radialista. Eu separo bem a diferença de um radialista e de um curioso. Radialista é quem começou por isso, fez teste.

9 – O SURGIMENTO DE NOVOS MEIOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO MUDOU A FORMA DE PRODUÇÃO DO RÁDIO?

Nem tanto. Só havia mais um pouco de dificuldade para você captar as informações e produzir um programa. É uma facilidade, mas também é um negócio que deixa os caras um pouco burro. Porque tem jornalistas, com todo respeito, que não passam

nem da quarta linha, não sabe fazer um lead, não sabe desenvolver uma matéria porque está acostumado com isso.

10 – PODERIA RELEMBRAR FATOS QUE MAIS LHE MARCARAM DIANTE DOS MICROFONES DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ?

Para mim a coisa mais importante foi transmitir finais de campeonatos brasileiros e jogos importantes. Me deu a oportunidade de conhecer a maioria dos estados do país transmitindo jogo de futebol e estender isso para a América do Sul e exterior e chegar ao ápice que foi transmitir jogos no Japão.

Foi, talvez, a reportagem mais importante que a Difusora fez ao longo do período em que ela está no ar de transmitir Vasco e Real Madri, em 98, e Palmeiras e Manchester United, em 99. Só haviam três emissoras transmitindo diretamente os jogos: Rádio Globo, Rádio K e a Rádio Difusora.

11 – QUAL A DIFERENÇA EM TRABALHAR EM UMA EMISSORA COMERCIAL E UMA PÚBLICA?

O problema da emissora pública é que ela está atrelada ao governo e você tem que falar bem. As emissoras particulares recebem mais dinheiro do governo, então também ficamos estigmatizados por causa disso.

12 – COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DA RÁDIO ANTIGAMENTE? E ATUALMENTE?

Antigamente eram duas emissoras de rádio, hoje tem rádio que eu não conheço pois são muitas. Você compara hoje principalmente qualidade do que se fazia antes e do que se faz agora. Por conta da montanha de emissora que a gente tropeça, muita gente trabalha no rádio sem condições. Naquela época me parece que havia mais preocupação com essa parte, hoje não.

13 – VOCÊ JÁ SOFREU CENSURA EM ALGUM MOMENTO NA RÁDIO?

Já sim. Eu trabalhei no tempo da ditadura, numa época em que até as músicas que iam tocar na emissora tinha que ir numa lista para a Polícia Federal, pois tinha alguns compositores que não tinha suas músicas tocadas na programação porque os militares achavam que elas poderiam influenciar o povo.

Tudo era censurado, se você pisasse fora era capaz de ser chamado e levar uma esculhambação, se fosse muito grave era ameaçado de ser preso.

15 – A RÁDIO DIFUSORA É O PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE LIGA O PARÁ E O AMAPÁ. COMO VOCÊ VÊ ESSA RELAÇÃO?

Eu não gosto muito dessa vizinhança que temos com o Pará. Fomos município do Pará e depois desmembrado na condição de ser território do estado e até hoje não conseguimos essa emancipação. Tudo de bom vem do Pará, a nossa cultura é pequena porque a maior é do Pará. As comidas, as músicas vieram do Pará.

Essa vizinhança é prejudicial, inclusive, quando todo esse pessoal que vem de Gurupá para o Amapá ser atendido pela saúde do Estado, onde deveriam procurar Belém. Atrapalha o atendimento que deveria ser dado as pessoas que moram aqui e tem que atender essas pessoas que vem do Pará.

16 – SE PUDESSE MUDAR, O QUE FARIA DE DIFERENTE NA PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA?

Eu não tenho acompanhado muito a programação da rádio difusora, não sei como está a grade para tecer um juízo de valor. Seria leviano da minha parte falar, sem ter conhecimento, alguma coisa a respeito disso.

17 – A RÁDIO DIFUSORA HOJE É A ÚNICA EMISSORA DE AMPLITUDE MODULADA NO ESTADO E ENFRENTA UM PROBLEMA SÉRIO QUE É A DESCONTINUIDADE DESSE TIPO DE SINTONIA NOS APARELHOS ELETRÔNICOS. QUAL SERIA A SAÍDA PARA CONTINUAR ENTREGANDO O SINAL AOS OUVINTES?

Eu acho que a AM, como a Onda Tropical, elas estão obsoletas, elas vão chegar a um final, vai acabar. Aqui, ainda não aconteceu de nenhuma emissora de rádio ter feito isso. Existe uma lei que determina que emissoras de rádio AM migrem para a FM. E mesmo a FM já está obsoleta.

O rádio vai migrar para a Web onde, através do endereço, a China vai poder assistir. A FM irá acabar, pois o rádio se encaminha para a Web.

18 – COMO VOCÊ AVALIA A MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS E O ACESSO A REPOSIÇÃO DE PEÇAS?

Esse é um problema sério. Porque para se fazer manutenção dos equipamentos, você tem que conhecer o equipamento. Um exemplo da rádio nacional era que de 15 em 15 dias, um técnico vinha aferir os equipamentos para ver se tudo estava

funcionando. Não temos técnicos para isso, é necessário conhecer os equipamentos.

19 – E O QUE VOCÊ PODE FALAR SOBRE A MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA?

É justamente isso, na questão técnica não temos mão-de-obra especializada e as pessoas que conhecem um pouco é porque conviveram com técnicos que mexiam nos equipamentos.

20 – COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES NO DIA-A-DIA DA RÁDIO?

Acho uma coisa positiva. A rede social além de ser uma coisa positiva ela trouxe também para dentro da web a opinião do povo. Qualquer pessoa pode se meter e falar sobre tudo o que quiser, desde que não ofenda as pessoas ela tem direito a dar opinião.

Então as vezes isso é um pouco perigoso para se utilizar desse tipo de informação na web. Eu acho mais fácil você usar o que é oficial (sites, blogs), do que você utilizar as redes sociais como o Facebook, Twitter e Instagram.

21 – COMO VOCÊ OBSERVA A TRANSMISSÃO DA PROGRAMAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS?

Eu acho positivo, vai acabar tudo indo para a internet.

22 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO DIFUSORA PARA A COMUNICAÇÃO NO AMAPÁ?

Um veículo tradicional, histórico, foi a primeira emissora de rádio. Devemos dar a devida importância à Rádio Difusora porque a abertura do caminho da comunicação passa por ela.

Do jeito que está ela vai acabar migrando para a FM, mais lá na frente vai ter que passar para a Web. Mas ela é de uma importância transcendental nos primeiros tempos de comunicação do rádio aqui.

23 – VOCÊ ACHA QUE O RÁDIO PODE CHEGAR AO FIM?

Nunca. Não tem como fazer isso, não tem como matar o rádio. Você pode até criar dificuldades para o jornal impresso, por exemplo. Quando a televisão entrou disseram que o rádio ia acabar, aí veio a internet e o rádio não acabou, continua sendo ele.

O rádio não vai acabar, ele continua sendo muito importante para as pessoas, ele continua perene.

07. ENTREVISTA JOÃO LÁZARO (BLOG PORTA RETRATO)

1. VOCÊ PODERIA NOS DIZER SEU NOME, PROFISSÃO E IDADE.

Meus cumprimentos a todos!

Me chamo João Lázaro da Conceição e Silva, sou radialista e jornalista profissional, aposentado, e tenho 73 anos de idade.

Agradeço aos acadêmicos, Janderson Cantanhede e Mara Castro o convite para que eu pudesse contribuir na apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, sobre um resgate de memórias da Rádio Difusora de Macapá. Felicito aos dois pela escolha do tema, e aos professores e orientadores da UNIFAP, pela condução do presente trabalho.

Obrigado pelas referências e reconhecimento ao trabalho que desenvolvo no blog Porta-Retrato-Macapá, como fonte de consultas para os estudantes e demais interessados em conhecer um pouco da história e da memória do Amapá e seu povo. Estou à disposição para responder as indagações que me são dirigidas:

2. COMO INICIOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO?

Desde criança sou atraído para a Comunicação. Torno-me ouvinte assíduo da programação da rádio difusora de Macapá nos anos 60, até então, a única emissora de rádio existente na cidade; esse interesse me leva a observar muitas vezes da janela da emissora, o trabalho dos operadores de áudio e a atuação dos artistas que compunham o *cast* de rádio teatro no estúdio, quando na interpretação das radionovelas feitas ao vivo na época. De igual modo, sou atraído pelo programa de auditório “o Clube do Guri”, que revelou muitos valores da terra.

Todavia, considero meu início na comunicação em 1962, ao ingressar no movimento escoteiro, no grupo Veiga Cabral, onde é montado um serviço de alto-falante PRH3 com notícias do movimento e músicas variadas do Centro Educacional do Laginho.

Essa experiência me credencia a apresentar, em 1963, o programa radiofônico A Voz Estudantil sob a responsabilidade do Grêmio Literário e Cívico Barão do Rio

Branco da Escola Normal, antigo IETA e atual Faculdade Estadual do Amapá, transmitido pela Rádio Equatorial de Macapá (ZYD-11), uma emissora AM, clandestina, particular que passa a existir, naquela época.

3. VOCÊ PODERIA NOS CONTAR COMO FOI SUA IDA PARA A EMISSORA.

Por ser assíduo ouvinte, minha presença na janela da emissora, chama atenção dos funcionários que ali trabalham. Em 14 de março de 1964 um veterano locutor me convida para fazer um teste, é quando entro pela primeira vez na emissora, como prestador de serviços, por não ter na época idade suficiente, para ingressar no serviço público territorial. Em 1968, recebo convite para compor a equipe de formação de uma nova emissora da prelaia de Macapá que foi a Rádio Educadora São José, meu primeiro emprego com carteira assinada.

Permaneço na Educadora até julho de 1970; a partir de então passo a exercer função burocrática de segunda a sexta feira na Mineradora ICOMI, em Santana, hoje extinta.

Mesmo empregado na Icomi, jamais deixo de fazer aquilo que sempre me fascinou: os programas de rádio, aos finais de semana, tanto na Rádio Educadora como na Rádio Difusora de Macapá, para onde retorno em maio de 1972.

Em outubro de 1977, por indicações de meus colegas de emissora, recebo convite do governo do Território, para exercer o cargo de Diretor Administrativo e Artístico da Rádio Difusora, ficando até o ano seguinte 1978 quando ela foi vendida e se transformou em Rádio Nacional, incorporada pela antiga Radiobrás, onde exerci a função de programador e seu primeiro gerente.

4. VOCÊ CONSEGUE RELEMBRAR COM DETALHES COMO FOI O SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO NA RÁDIO?

Como todo iniciante, senti nervoso, porém, por saber de cor os textos comerciais que não mudavam, tornou-se fácil e fui logo dominando a leitura. No período de treinamento e adaptação, torno-me locutor comercial ao lado dos apresentadores ao mesmo tempo em que observo o desempenho dos poucos titulares, para conhecer a dinâmica e o desenvolvimento dos programas que não mudavam. Cada programa tinha sua dinâmica: uns de solicitação de músicas através de cartinhas, de notícias, de mensagens para a zona rural, de felicitações natalícias e bodas, de esportes, etc. Algum tempo depois me vejo apresentando muitos deles, como

substituto eventual.

5. COMO ERA E QUAL O NOME DO PRIMEIRO PROGRAMA QUE VOCÊ APRESENTOU?

Como na rádio, existiam poucos titulares de programas, a grande maioria trabalhava por escala de serviço. Somente os de notícias, esportes e leitoras de crônicas tinham apresentadores fixos.

Passei a ter um programa exclusivo das 11 às 12 horas de segunda a sexta-feira, em 1965, substituindo o Pedro Silveira, que me passou a exclusividade pela apresentação do programa “Três de Uma Vez” – em que se tocavam 3 músicas diretas, para entrar o apresentador e anunciar as três músicas seguintes ou os comerciais.

6. COMO SE DAVA A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO OUVINTE?

Quando eu entrei na rádio Difusora em 64 a interação com os ouvintes se dava através de cartinhas. Com a chegada da primeira companhia de telefones essa interação passa a ser, também, pelos aparelhos fixos que eram em número bem reduzido nas residências.

7. QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE FAZER RÁDIO NAQUELA ÉPOCA E ATUALMENTE?

Considero três aspectos relevantes nestas diferenças, o Material, o Apresentador e a Notícia.

Os equipamentos de transmissão eram muito pesados e ocupavam grandes espaços físicos, pois dependiam de uma estrutura e uma área bem maior para montagem; além de uma torre irradiante, um transmissor, uma cabine acústica dividida em dois espaços físicos, um para o apresentador e outra para o operador de áudio, com uma grande mesa de som e toca-discos, além do espaço exclusivo para a discoteca.

Hoje existem mais facilidades pois os equipamentos são menores, mais leves, e de fácil instalação sem necessidade de grandes espaços físicos para funcionamento, bastam um microfone, um computador e uma internet.

Outra diferença a se destacar é quanto ao apresentador que no rádio antigo tinha de ter uma voz impostada, uma pronúncia clara e o uso correto da linguagem culta.

No rádio atual, basta ter dinâmica na apresentação, uma linguagem popular com conceitos corriqueiros do dia a dia.

Finalizando as diferenças destaco a forma de veiculação da notícia: no rádio antigo em Macapá, quando ocorria um fato de interesse público, a notícia chegava através da informação de terceiros, diretamente na rádio ou via telefones, quando só então era destacado um repórter com incumbência direta de montar a reportagem com detalhes do ocorrido que seria divulgado com abertura conhecida da população, a qual chamava a atenção para a notícia.

No rádio atual, a notícia é dada no momento do ocorrido, basta a presença de alguém, com um celular, na hora do fato. Hoje qualquer um pode ser repórter, pois o importante é a notícia chegar ao ouvinte no exato momento da sua ocorrência.

8. DIANTE DA REALIDADE DAQUELA ÉPOCA, QUAIS OS DESAFIOS ERAM ENFRENTADOS PARA LEVAR UM PROGRAMA DE RÁDIO AO AR?

Naquela época, o rádio era o mais importante meio de comunicação de massa.

Por tratavam-se de equipamento grandes e pesados, era impossível o deslocamento para qualquer situação de emergência fora da emissora. Para transmissão dos eventos como solenidade cívicas, carnavalescas, concursos de beleza, transmissões esportivas bem como a cobertura oficiais de chegadas de autoridades e outras visitas ilustres, era necessária esticar muitos metros de cabos nos postes da cidade até o local do evento, para então instalar maletas de som e microfones antecipadamente com falhas ou interferência muitas vezes na transmissão do som.

Outra dificuldade era a não existência na rádio Difusora de um gerador de energia elétrica. Na ausência de força de luz no bairro, a emissora ficava fora do ar o tempo que demorasse a volta da energia.

Destaco ainda a dificuldade de substituição eventual dos apresentadores de programas, por acaso acometidos por problemas de saúde, deslocamentos, e outras impossibilidades. Seu horário era preenchido com uma seleção de músicas e nos intervalos jingles comerciais.

Outra dificuldade notória na programação da radio difusora era a ausência de atualização da discoteca da emissora, fato que levava a tocar repetidas vezes a mesma música em vários programas e horários.

Encerrando o leque de dificuldades registro a não aceitação pelo público ouvinte da Difusora, de determinados gêneros musicais fora de seus programas e horários específicos, como por exemplo, músicas tocadas na madrugada não eram aceitas nos demais horários ou programas da emissora como exemplo tocar Roberto Carlos no alvorecer ou sertanejos raiz como as irmãs Galvão ou um bolearão sofrência, em programas de jovens.

9 - O SURGIMENTO DE NOVOS MEIOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO MUDOU A FORMA DE PRODUÇÃO DO RÁDIO?

Sim, com certeza, mudou muito. O avanço tecnológico permitiu uma série de vantagens tanto na produção como na apresentação dos programas, com a utilização do computador, o uso da internet como fonte de consultas e o telefone celular. O celular facilitou muito as reportagens externas que não precisam da utilização de fios e cabos para microfone, podendo gravar entrevistas em áudio.

9. PODERIA RELEMBRAR DOS FATOS QUE MAIS LHE MARCARAM DIANTE DOS MICROFONES DA RÁDIO DIFUSORA DE MACAPÁ?

Esse meu tempo no rádio foi marcado por muitas emoções, especialmente pelo contato com as pessoas que tive a honra de conhecer pessoalmente ou através de entrevistas com muitos artistas, cantores e conjuntos musicais que foram se apresentar em Macapá, tais como, Márcio Greyck, José Augusto, Fernando Mendes, Jair Rodrigues, The Brazilian Bittles, e muitos outros, entre eles o Roberto Carlos, a quem tive a honra de entrevistar numa coletiva

Outro fato importante que destaco é a minha marca como apresentador ou seja, minha identidade como disk-jockey, marcante nas características dos meus programas a partir do uso de trilha sonora específica, produção e programação própria tais como: “LAZ CURTIÇÃO – A DISCOTECA DO JANJÃO, aos sábados das 15 às 17 h e o “Sarro e Som de João Lázaro” nas manhãs de domingo a partir das 8 horas dos quais fiquei conhecido. Tem uma música, que usei como trilha de meus programas que ao ser tocada, qualquer ouvinte da época ou apresentador liga diretamente a minha pessoa ao rádio.

10. QUAL A DIFERENÇA EM TRABALHAR EM UMA EMISSORA COMERCIAL E UMA PÚBLICA?

Na emissora pública, como a Difusora, por ser mantida pelo poder público, não havia a preocupação na busca de comerciais para a manutenção de sua

programação. Na emissora oficial a linha de programação segue diretrizes que não devem ir de encontro à filosofia do governo. Na comercial, o programa só se mantém no ar através de anúncios publicitários, e tem liberdade de expressão com responsabilidade específica e jurídica a quem comenta.

11. COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DO RÁDIO ANTIGAMENTE?

O rádio, por não ter imagem, sempre despertou a imaginação de quem o ouvia. Seu sinal sempre chegou aonde nenhum outro veículo de comunicação chegava.

A linguagem do rádio o tornava mais abrangente ao ouvinte e mais acessível economicamente e com isso ele atingia de forma mais direta as populações de baixa renda.

O rádio sempre conseguiu cumprir com mais facilidade a função social da comunicação.

12. VOCÊ JÁ SOFREU CENSURA EM ALGUM MOMENTO NA RÁDIO? COMO FOI A EXPERIÊNCIA?

Censura individual não tive. Sempre me mantive atento às normas internas e disciplinares da emissora, principalmente durante o regime militar. Nessa época a rádio era obrigada a enviar de véspera, para o Setor de Censura Federal, a listagem de toda a programação musical que seria rodada no dia seguinte. Não poderia conter nenhuma música que achassem ofensivas nem fora dos princípios que fossem de encontro ao regime da época. Apenas isso. Foi uma experiência a qual tivemos que nos adaptar.

13. COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DO RÁDIO HOJE.

O rádio continua com sua importância social. Informações, prestação de serviço, utilidade pública, entretenimento e diversidade de música, são sempre bem aguardados pelo público ouvinte. É um veículo que permite agilidade nas informações e isso tem salvo muitas vidas em situações de emergências e calamidades públicas.

14. A RÁDIO DIFUSORA É O PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE LIGA O PARÁ E O AMAPÁ. COMO VOCÊ VÊ ESSA RELAÇÃO?

O papel da Difusora, sempre foi importante desde o primeiro momento em que ela foi criada. Tanto, que ao chegar ao Amapá, em 1944, Janary Gentil Nunes, primeiro

governador sentiu a importância e a necessidade do rádio numa região vasta como o Amapá, carente de meios mais rápidos de comunicação.

Segundo registros nas páginas do Jornal Amapá, o embrião da Rádio Difusora de Macapá foi o Serviço de Alto-Falantes, inaugurado em 25 de fevereiro de 1945.

Valendo-se de seu prestígio pessoal e da ajuda de amigos, muitos deles parlamentares, Janary Nunes conseguiu autorização para fazer funcionar em Macapá, uma emissora de radiodifusão operando em ondas média e tropical.

O Ministério de Viação e Obras Públicas, órgão que controlava, na época, a concessão de licença para funcionamento de emissoras, acatou o pedido do governador. A autorização para funcionamento da RDM, foi concedida pela Portaria nº 709, de 12 / 06 / 44. Apesar de Portaria de autorização ter sido assinada em 12 de junho de 1944. somente depois de um ano e meio, a emissora foi colocada em funcionamento.

Portanto, a data que marca a entrada da RDM no ar, operando em fase experimental, é 15 de dezembro de 1945, um sábado.

A inauguração oficial da emissora ocorreu em 11 de setembro de 1946.

E desde essa data ela tem prestado um imenso serviço aos habitantes da cidade e do interior do Estado, e aos ribeirinhos das ilhas do arquipélago de Marajó num estreito relacionamento com o todo o povo das regiões circunvizinhas ao estado do Pará e da foz do Rio Amazonas.

15. SE PUDESSE MUDAR, O QUE FARIA DE DIFERENTE NA PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA?

Voltaria a emissora uma programação abrangente a todas as categorias da população, desatrelada de política partidária e principalmente voltada ao entretenimento popular, com foco principal na prestação de serviços, utilidade pública e diversidade musical.

Aos finais de semana um programa de variedades com entrevistas com focos na história, músicas e cultura locais e regionais.

16. A RÁDIO DIFUSORA HOJE É ÚNICA EMISSORA DE AMPLITUDE MODULADA NO ESTADO E ENFRENTA UM PROBLEMA SÉRIO QUE É A DESCONTINUIDADE DESSE TIPO DE SINTONIA NOS APARELHOS

ELETRÔNICOS. QUAL SERIA A SAÍDA PARA CONTINUAR ENTREGANDO O SINAL AOS OUVINTES?

Compreendo que nesse momento e diante dessa situação o melhor caminho seria a aquisição pela emissora, de aparelhos de tecnologias avançadas com frequências compatíveis a toda a região, especificamente a manutenção da onda tropical que melhor atinge a população ribeirinha tão carente desse serviço.

17. COMO VOCÊ AVALIA A MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS E O ACESSO A REPOSIÇÃO DE PEÇAS?

Apesar da Rádio Difusora ser mantida pelo governo do Amapá, a manutenção dos equipamentos e reposição de peças para a emissora, sempre foi uma operação burocrática e nem sempre haviam recursos disponíveis para as aquisições.

Os técnicos, da minha época em muitas ocasiões, pra manter os equipamentos em funcionamento, valiam-se de componentes usados e totalmente sem condições de durabilidade.

18. E O QUE VOCÊ PODE FALAR SOBRE A MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA?

Essa questão da mão de obra qualificada no rádio do Amapá, nem sempre foi levada em consideração para o ingresso das pessoas no rádio. Especialmente nos dias de hoje, onde qualquer pessoa pode ser um comunicador desde que tenha dinâmica na comunicação sem a necessidade do curso específico para tal função.

19. COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES SOCIAIS NO DIA-DIA DA RÁDIO?

A inclusão das redes sociais no rádio se deu de forma natural, por que é impossível não acompanhar a evolução das comunicações. O rádio vem sofrendo essa modificação, que antes era privilégio de poucos. Com a popularização da internet e diversificação dos celulares, a população teve seu acesso facilitado. Tudo pode ser seguido e acompanhado pelas diferentes plataformas e streamings digitais com seus aplicativos como You Tube, Instagram e Facebook, WhatsApp etc.

20. COMO VOCÊ OBSERVA A TRANSMISSÃO DA PROGRAMAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS?

A redes sociais, têm sido de grande relevância para as comunicações no Brasil e no mundo. As plataformas digitais têm sido grandes aliadas dos meios de comunicação social.

21. QUAL A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO DIFUSORA PARA A COMUNICAÇÃO NO AMAPÁ?

A Rádio Difusora de Macapá, por ser a pioneira, sempre apresentou uma significativa importância para o povo amapaense. Nesses 75 anos de serviços, tem conseguido superar todas as adversidades do tempo, especialmente pelo trabalho, muitas vezes abnegado daqueles que por ali passaram ou continuam atuando.

Nunca houve uma preocupação do governo em formar um quadro exclusivo daquelas pessoas que trabalham na Rádio Difusora, que sempre eram cedidas por outras secretarias, desde o humilde servidor até o mais alto cargo que é da direção da emissora.

Por esta razão as pessoas que passam principalmente por seus microfones, quase sempre lá não permanecem quando há mudança de governo, mas apesar de todos os percalços a rádio sempre cumpre o seu papel de servir ao povo do Amapá.

22. VOCÊ ACHA QUE O RÁDIO PODE CHEGAR AO FIM?

Não acredito no fim do rádio e sim nas adaptações às significativas mudanças de sua evolução.

Para mim o rádio sempre será um meio de prestação de serviço e utilidade pública a todas as pessoas em especial às comunidades longínquas deste país setentrional.

08. ENTREVISTA ROBERTO GATO

1 – VOCÊ PODE NOS DIZER SEU NOME, SUA PROFISSÃO E IDADE?

Meu nome é Roberto Coelho do Nascimento, conhecido como Roberto Gato, minha idade é 61 anos e eu tenho o curso de bacharelado em secretariado executivo, jornalista. É isso.

2 – COMO COMEÇOU SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO?

Eu comecei minha trajetória em 1984, no jornal, “ A folha do povo”, de propriedade do Rodolfo Juarez e José Janssem Costa, esse já falecido, Rodolfo ainda tá por aí, Graças a Deus, como Revisor.

3 – PODE NOS CONTAR SOBRE SUA IDA PARA A EMISSORA DIFUSORA DE MACAPÁ?

A minha vinda prá cá, se deu em 1995, quando o governador do estado era João Alberto Capiberibe e eu vim trabalhar no departamento de jornalismo, a convite do governador.

4 – LEMBRA COM DETALHE DO SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO?

Sim, nunca posso esquecer, nós tivemos uma reunião, toda a equipe da Difusora nesse dia pra falar dos propósitos, objetivos da rádio, do comprometimento de todos que estavam entrando na emissora. Uma emissora sexagenária. Hoje, a Difusora tem 73 anos, então você imagina a história que ela tem. Todas as pessoas que adentram nesta casa tem que ter essa consciência da importância da rádio no contexto da comunicação radiofônica do Amapá.

5 – COMO ERA E QUAL O NOME DO SEU PRIMEIRO PROGRAMA?

Primeiramente eu trabalhei na produção do programa por um ano, depois passei para o departamento de jornalismo na condição de redator e repórter, e no terceiro ano, em 1998 estreei um programa na rádio Difusora chamado “em primeira mão”. Era um programa de jornalismo que começava às 6:15 da manhã e terminava às 7:00, 45 minutos de programa. Feito por mim e o Luiz Trindade que fazia o personagem “o Nezinho do Porrudo”, que foi graças a Deus um grande sucesso na rádio Difusora.

6 – COMO ERA A RELAÇÃO COM O OUVINTE?

Direto, aliás é importante destacar isso, todo o meu trabalho na comunicação, sempre foi interativo. Sempre foi com total liberdade que os ouvintes participem. Na televisão também, quando eu ancorei programa na bandeirante, tucujú. Minha relação como o ouvinte sempre foi uma tônica no meu trabalho. Eu não veja como fazer comunicação divorciado do povo, distante dele.

7 – NA ÉPOCA QUAIS ERAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS AO LEVAR O PROGRAMA AO AR?

Os problemas eram tecnológicos. Hoje agente tem a tecnologia ao nosso lado, a nosso favor. É muito que já perdeu o perfil do radialista da voz impostada e deu esse espaço aos comunicadores, os “comunicólogos”, que fazem a maioria do rádio

hoje. Antigamente para fazer rádio tinha que ter uma voz, potentíssima, Cid Moreira, agora as pessoas são comunicadoras. E as dificuldades eram técnicas, mas hoje superadas.

8 – QUAIS AS DIFERENÇAS DO RÁDIO DAQUELA ÉPOCA PARA O DE HOJE!

A velocidade na obtenção da informação, hoje você tem a rede de computadores a tua disposição, em cima da tua bancada. Naquela época não tinha um telex.

9 – O SURGIMENTO DE NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO MUDOU A FORMA DE PRODUÇÃO DE RÁDIO?

Com certeza, exige muito mais. Que agente esteja sintonizado com todas as ferramentas, com todas as possibilidades. O rádio, é comunicação em tempo real, é preciso que você tenha velocidade e a primazia da informação, tá bem informado com todas as ferramentas e fontes de informações, para trazer algo novo, e de uma forma agradável de informar, diferenciada. Hoje todos tem acesso de sua casa, tá todo mundo fazendo web, live, que transformou o cidadão em um comunicador também, ele fima qualquer coisa. Então agente tem que ter esses cuidados profissionais e dar uma informação verdadeira, fidedigna, com qualidade completa, velocidade, rapidez e amplitude. Não levar informação pela metade, ou ouvir dizer, sem checar, sem infomar direito. Não criar ruído na comunicação, e esse é o grande diferencial, as tecnologias estão aí, para apoiar, se souber usar, ela vai estar a teu favor.

10 – VOCÊ LEMBRA DOS PRIMEIROS FATOS QUE MAIS TE MARCARAM DIANTE DOS MICROFONES?

Foi uma viagem que fiz para o Japão. Foi transmitir um jogo de futebol, na condição de comentarista, Vasco e Real Madri, em 1998. O Vasco decidiu esse título mundial, e lá estava eu no Estadio Nacional de Tóquio, junto com o Humberto Moreira e José Caxias. Atravessei o mundo, era a única rádio da amazônia, a estar presente, não tinha Pará, Amazonas, nada. Só o Amapá, a rádio Difusora de Macapá estava lá, então é um marco histórico, tanto para a comunicação amapaense como para a minha vida profissional.

11 – QUAL A DIFERENÇA EM TRABALHAR EM UMA RÁDIO COMERCIAL E UMA RÁDIO PÚBLICA?

Não vejo nenhuma diferença, acho que tem que ter compromisso e responsabilidade nas duas.

12 – COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DA RÁDIO ANTIGAMENTE?

Era o único veículo de comunicação e mais acessível às populações mais pobres. As rádios AM, que ainda permanecem em amplitude modular, ainda única rádio nesse formato modulada no estado do Amapá, que diminui a distância entre o centro nevrálgico do poder e a periferia que são os interiores dessa amazônia gigantesca, falo do ponto de vista territorial com baixa densidade demográfica dos interiores e são as ondas sonoras do rádio que aproximou. Isso antigamente era muito mais latente, você não tinha a internet. Estou falando de algumas localidades que só a rádio difusora chegava. Agora tem internet e eles estão assistindo pela live. Mas antigamente, a importância era preponderante, como um veículo de comunicação que unia as pessoas. Hoje o rádio continua fazendo esse papel, mas diminuiu muito mais a importância. Você tem outras ferramentas de comunicação que as pessoas utilizam.

13 – VOCÊ JÁ SOFEU CENSURA NO RÁDIO?

Puxa vida, processos e mais processos. Já fui retirado do ar por questões políticas que não querem ouvir a verdade. Entrou com ação, a justiça acatou, mandou sair do ar. Muitas coisas assim. Eu chamo isso de indústria do processo, com a tentativa de escancarar e intimidar o jornalista.

14 – COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DO RÁDIO HOJE?

A rádio Difusora hoje, é uma rádio fundamental. Continua com características de amplitude modulada, as outras são todas FM, e agente continua com a amplitude modulada, chega aos mais longínquos rincões. Porque o mundo vive uma tecnologia fabulosa, mas a amazônia ainda vive com alguns locais no século quatorze, se quer tem energia elétrica, na luz de lamparina, total escuridão, obscurantismo da luz, da tecnologia.

15 – A DIFUSORA HOJE, É A ÚNICA COM AMPLITUDE MODULADA NO ESTADO E ENFRENTA UM PROBLEMA SÉRIO QUE É A DESCONTINUIDADE DESSE TIPO DE SINTONIA NOS APARELHOS ELETRÔNICOS. QUAL A SAÍDA PARA CONTINUAR ENTREGANDO O SINAL AOS OUVINTES?

Essa descontinuidade não existe mais. O ministério das comunicações voltou atrás em desativar os transformadores de rádio de amplitude modulada. O que pode nos parar, na amplitude modulada, é uma coisa que não vai fazer falta para o ouvinte, que é a tecnologia. A live do facebook ela te coloca no mundo, faz o papel das ondas tropicais, as OT`s. A rádio Difusora já chegou na Austrália, no México e hoje não temos mais OT, foi desativada, mais a internet nos comunica com Paris e todos os locais que quiserem acessar. Os aplicativos de rádio da mesma forma, temos uma plataforma rádio net, que o mundo inteiro ouve. Nós vamos sendo separados pela falta de reposição de peça desses equipamentos, que estão se tornando obsoletos, mas a tecnologia em contra partida, vai numa velocidade, e que quanto mais tecnologicamente avança, mais barato fica o acesso.

Eu lembro quando os celulares eram caríssimos, e hoje todo mundo tem. As pessoas hoje, no Afuá, Breves, Gurupá, Chaves, nos assistem pela live, não estou falando só das sedes mais, dos furos e rios dos interiores. Aparece aqui um “manda um alô para a Torre Nova, Rio Vierinha”, eles estão na internet. Então as coisas vão acontecendo naturalmente, essa substituição tecnológica, ela é irrecurável. Não vai mudar, não vai recuar, não vai ter jeito a cabeça do homem tá sempre pra frente, pensando.

16 – COMO FOI A INCLUSÃO DAS REDES SOCIAIS NO DIA A DIA DA RÁDIO DIFUSORA?

Uma inclusão necessária, a rádio pioneira em colocar uma live no estado. Uma sugestão do meu colega, Luiz Trindade, jornalista aqui na Difusora, ele sugeriu e eu não conhecia a tecnologia e vantagens. E hoje, agente não consegue imaginar a Difusora sem live. Desde a implantação, que já faz uns três anos, temos mais de 1 milhão de acesso de pessoas que já nos viram, de todos os estados, puderam rever o Amapá, pessoas que moram em Paris, São Paulo, Rio de Janeiro, amapaenses de nascimento que há muitos anos não vinham ao Amapá e viram as imagens através do facebook e interajem conosco.

17 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO DIFUSORA PARA A COMUNICAÇÃO NO AMAPÁ?

De referência, ela tem 73 anos, foi implantada em 1946, estávamos no início do território federal. O Amapá estava recém transformado em 1943. Surgiu a Difusora de forma oficial, já existia através de auto falantes na praça Veiga Cabral e Barão

do Rio Branco. Mas oficialmente marca o surgimento e aniversário da Difusora de Macapá a data de 1946. Uma rádio escola, um veículo que você não pode contar a história da comunicação no Amapá sem citar a difusora. Então ela é uma referência, sem contar, que quase todos que estão no rádio hoje no estado passou na difusora, raríssimas exceções.

18 – VOCÊ ACHA QUE O RÁDIO VAI CHEGAR AO FIM?

Temos que pensar num modelo de gestão que cada governo adota pra si. Tem um modelo que a presença do estado é muito maior, mais gigantesca na sociedade e outros modelos em que o estado é menor, em que o estado se atem às funções básicas e fundamentais. Eu particularmente acho que uma emissora é imprescindível em qualquer governo, em qualquer gestão, por causa da sua função de informar aquilo que o servidor público tem a obrigação de saber e que está incrustada na nossa constituição e na lei de responsabilidade fiscal que é de dar publicidade. Eu sei que o diário oficial divulga, mas trazer o secretário aqui, e falar à sociedade sem que ele precise pagar por aquela entrevista que ele vai dar a sociedade, e saber o que a sua pasta está fazendo e que a população tenha esse canal de ligação com o poder público é fundamental.

19 – UMA MENSAGEM QUE VOCÊ DEIXARIA AOS OUVINTES DA RÁDIO DIFUSORA.

Que as pessoas continuem prestigiando a rádio, cobrando de todos que estão na rádio Difusora, principalmente de mim, que estou Diretor da emissora. Qualidade, compromisso com a verdade, imparcialidade da informação, eficiência, respeito para com o ouvinte. Divulgar a verdade e nada mais que a verdade. Se a rádio difusora não tiver essa postura, aí sim, ela não tem razão de existir.